







Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

S586e Silva, Victória Felicia Gualberto de Lima.  
O ensino das práticas corporais de aventura no componente curricular educação física em uma escola pública / Victória Felicia Gualberto de Lima Silva. – Recife, 2025.  
80 f.; il.

Orientador(a): Rosângela Cely Branco Lindoso.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Educação Física. 2. Práticas corporais de aventura. 3. Pedagogia . 4. Pedagogia do esporte I. Lindoso, Rosângela Cely Branco, orient. II. Título

CDD 613.7



**VICTÓRIA FELICIA GUALBERTO DE LIMA SILVA**

**O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO  
COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA  
PÚBLICA**

Monografia submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional — ProEF da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de mestre em (PROEF) em Educação Física escolar.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Cely Branco Lindoso (Orientadora)**  
**Universidade Federal Rural de Pernambuco**

---

**Prof. Dr. Alexandre Viana Araújo ((Examinador Externo)**  
**Universidade Federal de Pernambuco**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Carla de Paiva (Examinadora Interna)**  
**Universidade Federal Rural de Pernambuco**





## **Agradecimentos**

Ao concluir esta dissertação de mestrado, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a todos que de alguma forma contribuíram para esta realização.

Primeiramente agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui e poder realizar esse sonho.

Ao meu marido Diego Rafael, cujo apoio incondicional, paciência e encorajamento foram fundamentais em cada etapa desta jornada. Sua confiança em mim e suas palavras de incentivo foram essenciais nesse processo.

À minha filha Jasmim Felicia, que é a luz da minha vida. Seu nascimento me tornou mais forte, seu sorriso e amor me motivam a buscar sempre o melhor.

À minha enteada Maria Lia, por sua compreensão e carinho durante todo este processo. Sua presença trouxe alegria e leveza aos meus dias.

À minha mãe, por seu amor, sabedoria e sacrifícios ao longo da vida. Sua dedicação e exemplo de perseverança sempre foram fontes de inspiração para mim.

Ao meu pai, que sempre orou por mim e nunca deixou de acreditar no meu potencial. Suas palavras de fé e confiança me deram força para seguir em frente nos momentos mais difíceis.

À minha sogra, pelo apoio durante o processo. Por todo carinho e cuidado com as meninas.

À tia Gi, que com tanto carinho recebia a mim e minha família em sua casa nos dias de aula, sua partida deixou um enorme vazio, mas guardarei para sempre os momentos de cuidado e amor em meu coração.



À minha amiga Dayanne, pela amizade sincera e pelos conselhos nos momentos difíceis. Sua escuta e apoio foram de extrema importância nesse processo.

A minha orientadora professora Dr<sup>a</sup>. Rosângela Lindoso, cuja orientação, paciência e conhecimento foram essenciais para a concretização deste trabalho.

À coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Em especial a coordenadora do polo da UFRPE, a professora Dr. Andrea Paiva, por todo empenho e dedicação em todos os momentos.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Especialmente aos professores do polo da UFRPE, pela qualidade na condução desse processo de formação.

À banca examinadora, pela disponibilidade em avaliar este trabalho e pelas valiosas contribuições e sugestões que certamente enriqueceram ainda mais este estudo.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF e pelo auxílio financeiro por meio da concessão da bolsa.

Aos meus colegas de ProEF, Antonino, Ana Karina, Francigildo, Gilson, Moises, Lucelia, Wallace que compartilharam comigo conhecimentos e experiências. Suas colaborações foram vitais para o desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo-o com diferentes perspectivas e contribuições valiosas.

A todos, muito obrigada!



**SILVA, Victória Felícia Gualberto de Lima.** O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA. 2025. [79] f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2025.

### **RESUMO**

As Práticas Corporais de Aventura surgiram da necessidade do homem moderno de se reconectar com a natureza e da busca por novas experiências de lazer, sendo o desafio da escola sistematizar esse conteúdo. Nesse sentido, o problema que esta pesquisa busca responder é: como tratar as praticas corporais de aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física escolar?? O objetivo geral do estudo foi analisar as práticas corporais de aventura como conteúdo de ensino da Educação Física escolar, a partir da experiência com uma turma do 9º ano de uma escola pública. Para isso, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: investigar historicamente o surgimento das práticas corporais de aventura, sua abordagem pedagógica no ambiente escolar; identificar os conceitos, fundamentos, sentidos e significados dessas práticas; analisar o trato pedagógico das práticas corporais de aventura com base em uma teoria pedagógica e uma metodologia de ensino; Os resultados indicam que as práticas corporais de aventura ampliaram o desenvolvimento social e crítico dos alunos, apesar de desafios como a falta de infraestrutura. A abordagem histórico-crítica revelou a importância dessas práticas para a formação integral, apontando a necessidade de políticas de apoio e de novas pesquisas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Educação Física. Práticas Corporais de Aventura. Pedagogia Histórico-Crítica



**SILVA, Victória Felicia Gualberto de Lima.** O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA. 2025. [79] f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2025.

### **ABSTRACT**

Adventure Body Practices emerged from the modern man's need to reconnect with nature and the search for new leisure experiences, and the challenge for schools is to systematize this content. In this sense, the problem that this research seeks to answer is: how to treat adventure body practices as teaching content in Physical Education at school? The general objective of the study was to analyze adventure body practices as teaching content in Physical Education at school, based on the experience with a 9th grade class at a public school. To this end, the following specific objectives were established: to historically investigate the emergence of adventure body practices, their pedagogical approach in the school environment; to identify the concepts, foundations, senses and meanings of these practices; to analyze the pedagogical treatment of adventure body practices based on a pedagogical theory and a teaching methodology; The results indicate that adventure body practices expanded the social and critical development of students, despite challenges such as the lack of infrastructure. The historical-critical approach revealed the importance of these practices for comprehensive training, pointing to the need for support policies and new research on the topic.

Keywords: Physical Education. Adventure Body Practices. Historical-Critical Pedagogy



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**AEE** Atendimento Educacional Especializado

**ABNT** Associação Brasileira de Normas Técnicas

**BNCC** Base Nacional Comum Curricular

**CNS** Conselho Nacional de Saúde

**EF** Educação Física

**LDB** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MEC** Ministério da Educação

**PCN** Parâmetros Curriculares Nacionais

**PROEF** Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Classificação das práticas corporais de Aventura (Terra) .....	41
Figura 2.	Classificação das práticas corporais de Aventura (Ar) .....	41
Figura 3.	Classificação das práticas corporais de Aventura (Água) .....	41
Figura 4.	Alunos construindo as classificações .....	41
Figura 5.	1º aula de Slackline .....	43
Figura 6.	1º aula de Slackline .....	43
Figura 7.	2º aula de slackline.....	44
Figura 8.	2º aula de slackline.....	44
Figura 9.	Aula de balance board.....	48
Figura 10.	Aula de balance board .....	48
Figura 11.	Explicação do guia sobre a trilha do Santuário Ecológico .....	50
Figura 12.	Alunos realizando a trilha.....	50
Figura 13.	Turma do 9º ano no Mirante .....	50
Figura 14.	Alunos observando o mirante .....	50



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1. Objetivos da pesquisa.....	14
1.2. Produto Educacional.....	15
<b>2. MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>16</b>
2.1. Componente curricular: Educação Física.....	16
2.2. O lazer nas práticas corporais de aventura.....	20
2.3. As práticas corporais de aventura.....	23
2.4. Práticas corporais de aventura a partir da abordagem crítico- superadora e pedagogia histórico crítica.....	27
2.5. Práticas corporais de aventura: <i>slackline</i> , trilha e surf.....	29
<b>3. PERCURSO INVESTIGATIVO .....</b>	<b>33</b>
3.1. Universo da pesquisa .....	33
3.2. Participantes .....	34
3.3. Materiais e Métodos .....	34
3.4. Procedimentos para a coleta de dados.....	36
3.5. Procedimento para armazenamento de dados.....	37
3.6. Procedimentos para a análise de dados .....	37
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>38</b>
4.1. Primeira Semana: Introdução ao processo metodológico e diagnóstico .....	39
4.2. Segunda Semana: História e classificação das Práticas Corporais de Aventura .....	40
4.3. Terceira Semana: Introdução ao <i>slackline</i> .....	42
4.4. Quarta Semana: <i>Slackline</i> .....	44
4.5. Quinta Semana: Introdução ao surf e vivência com balance Board ...	46
4.6. Sexta Semana: Trilha no Santuário Ecológico de Pipa .....	49
4.7. Sétima semana.....	51
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>69</b>



APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO) .....	70
APÊNDICE B – TALE (TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO).....	73
APÊNDICE C – TALE (TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO) DOS RESPONSÁVEIS LEGAIS .....	76
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS ...	79
APÊNDICE E –TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ.	80



## 1. INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura vêm ganhando espaço na Educação Física escolar, sendo reconhecidos como uma Unidade Temática recomendada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Seu crescente desenvolvimento, tanto em ambientes urbanos quanto naturais, tem ampliado as possibilidades de ensino e aprendizagem dentro da escola. Ao mesmo tempo, essas práticas apresentam um potencial significativo para diversificar as experiências corporais dos alunos, promovendo desafios, superação e contato com a natureza.

Fensterseifer e Silva (2011, p. 120), em concordância com Bracht (1999), afirmam que “[...]seria papel da Educação Física problematizar a prática e teoricamente a cultura corporal de movimento”. Nesse sentido, a Educação Física escolar deve não apenas ensinar técnicas e regras, mas também proporcionar reflexões críticas sobre a relação do ser humano com seu corpo, com o meio ambiente e com as diferentes manifestações culturais.

As Práticas Corporais de Aventura surgiram na década de 1970, impulsionados em parte pela necessidade do homem moderno de se reconectar com a natureza e também pela busca de novas experiências de lazer. Masseto e Moretti (2013) relatam que, ao longo da história, a humanidade sempre esteve em contato com a natureza. No entanto, com o crescimento das cidades e a urbanização acelerada, essa relação foi se tornando cada vez mais distante.

“Afastadas dos ambientes naturais, as pessoas são levadas a buscar alternativas, principalmente para o tempo livre. A busca por atividades de lazer explica, em parte, o interesse cada vez maior do homem por atividades que promovam aventura, inovação e desafio, e, em certa medida, imprevisto.” (Masseto; Moretti, 2013, p. 40)

Diante desse cenário, o presente estudo busca responder à seguinte questão: Como tratar as Práticas Corporais de Aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física escolar? Assim, propõe-se investigar essa temática dentro do ensino fundamental em uma escola pública, com base na metodologia da pesquisa-ação, estabelecendo relações entre as Práticas Corporais de aventura e o contexto social dos alunos.

### **1.1. Objetivos da pesquisa**

O objetivo geral deste estudo é analisar as Práticas Corporais de Aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física escolar, a partir da aplicação de uma Unidade Didática sobre as Práticas Corporais de Aventura com uma turma do 9º ano de uma escola pública. Para isso, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

1. Investigar historicamente o surgimento das práticas corporais de aventura, e sua abordagem pedagógica no ambiente escolar.
2. Identificar os conceitos, fundamentos, sentidos e significados das práticas corporais de aventura.
3. Analisar o trato pedagógico das práticas corporais de aventura, a partir de uma teoria pedagógica e uma metodologia de ensino.

A escola em questão está localizada em Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte, a aproximadamente 10 km de algumas das praias mais belas da região, como Praia de Tibau do Sul, Praia do Madeiro, Praia da Pipa e Praia do Amor. Além disso, encontra-se a 12 km de uma reserva de Mata Atlântica, conhecida como Santuário Ecológico da Pipa. Apesar da proximidade, muitos alunos não têm acesso a esses ambientes naturais e, conseqüentemente, não vivenciam experiências corporais nesse contexto.

No município, há uma grande variedade de Práticas Corporais de Aventura de aventura, como surf, asa delta, kitesurf, ciclismo, trilhas, tirolesa e slackline. No entanto, essas práticas são pouco exploradas nas aulas de Educação Física. Dessa forma, a inclusão desse conteúdo no ambiente escolar pode contribuir para ampliar o repertório cultural dos alunos, aproximando-os da realidade local e proporcionando vivências significativas que envolvam desafios motores, contato com a natureza e compreensão das relações entre esporte, lazer e meio ambiente.

O interesse por essa temática teve início ainda na graduação, quando participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Durante essa experiência, um dos conteúdos trabalhados na escola foi justamente o de Práticas Corporais Aventura e Práticas com a Natureza, e percebi o grande envolvimento e interesse dos alunos. Além disso, cursei a disciplina de Esportes de Aventura, na qual pude vivenciar diferentes modalidades, como slackline, arvorismo, escalada, rapel e canoagem, aprofundando minha compreensão teórica e prática sobre esse universo.

O Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) tem sido essencial para a qualificação da minha prática pedagógica, pois me permitiu refletir criticamente sobre o ensino da Educação Física na escola. Como educadora, reconheço-me em um processo contínuo de formação, compreendendo que o aprendizado acontece na interação entre teoria e prática. Nesse sentido, Paulo Freire (1991, p. 58) enfatiza: “ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.”

Ao longo deste mestrado, tenho repensado minha atuação no contexto escolar, buscando estratégias pedagógicas que contribuam efetivamente para o ensino e a aprendizagem dos alunos. A sistematização do conteúdo de Práticas Corporais de Aventura na escola representa uma oportunidade de aproximar os estudantes de novas possibilidades de conteúdos, além de estimular a valorização e o reconhecimento dos espaços naturais da região. Dessa forma, o presente estudo busca não apenas contribuir para o enriquecimento das aulas de Educação Física, mas também para a formação integral dos alunos, promovendo reflexões sobre lazer, meio ambiente e cultura corporal.

## **1.2. Produto Educacional**

Unidade Didática sobre Práticas Corporais de Aventura.

## 2. MARCO TEÓRICO

### 2.1. Componente curricular: Educação Física

A Educação Física percorreu um longo caminho desde suas origens até se consolidar como um Componente Curricular no sistema educacional, ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando não apenas benefícios físicos, mas também sociais, emocionais e cognitivos.

“É fundamental compreender que a Educação Física não é um fenômeno social isolado, mas faz parte da totalidade social através da qual a história dos homens se realiza. À medida que a sociedade é transformada pelos homens, transforma-se a forma da Educação Física. Esta, portanto, não é um produto natural, mas sim o resultado do processo histórico através do qual os homens, a partir do seu trabalho, constroem a si mesmo e a sociedade em que vivem.” (Mello, 2014, p. 10)

A Educação Física trata-se de uma construção social e histórica, cujo resultado vem das ações e do trabalho da humanidade no decorrer da história, estando em constante evolução a partir das transformações sociais e culturais da sociedade. Nos anos 80, houve uma avaliação crítica de diversos paradigmas devido à influência das ciências humanas e sociais na Educação Física, o que deu origem a um movimento mais amplo conhecido como movimento renovador (Bracht, 1999).

Dentro do contexto curricular escolar, esse movimento nos anos 80 buscou promover a Educação Física à condição de disciplina curricular, responsável por abordar e refletir criticamente sobre as práticas corporais que fazem parte da Cultura Corporal. Reconhecendo a Educação Física como portadora de conteúdos e conhecimentos específicos, organizados e sistematizados, permitiu aos alunos refletirem sobre essa dimensão cultural significativa, contribuindo substancialmente para sua formação cultural. (Souza Júnior, 2001).

Esse movimento foi de contrário à Educação Física tecnicista, mecanicista, esportivista e tradicional e a partir dele surgindo diversas

concepções, essas concepções são nomeadas por: Humanista; Fenomenológica; Psicomotricidade, baseada nos Jogos Cooperativos; Cultural; Desenvolvimentista; Construtivista; Crítico-superadora; Sistêmica; Crítico-Emancipatória; Saúde Renovada, entre outras.

Consideramos que o objeto de estudo da Educação Física é a Cultura Corporal. Este conceito foi introduzido na Educação Física a partir da obra Metodologia do Ensino da Educação Física (Coletivo de Autores, 1992), esse referencial nos oferece uma reflexão sobre a abrangência do papel e da função da Educação Física no ambiente escolar. A Educação Física ao ser integrada na escola, busca:

“Desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (Coletivo de Autores, 1992, p. 39).

A Educação Física não se limita a meras atividades, envolve um estudo profundo das diversas formas de expressões corporais que têm significados históricos e culturais. Cada uma dessas formas de expressão é uma pela qual o homem tem representado suas experiências, valores e crenças ao longo da história. Desenvolver uma reflexão pedagógica sobre essas práticas significa analisar e entender como cada uma delas surgiu, se desenvolveu e se integrou nas diferentes culturas. Essa abordagem ajuda a formar alunos mais conscientes e críticos em relação às práticas corporais, reconhecendo a importância dessas atividades na construção da identidade cultural e social dos indivíduos e comunidades.

Saviani (2005, p. 248) afirma que "a divisão entre as classes introduziu, também uma divisão na educação", ou seja, se anteriormente, em uma sociedade sem classes, a educação era vista como um produto coletivo e parte do processo de existência, com a introdução dessa divisão, ela passou a ter diferentes significados. A educação tornou-se destinada a atender os interesses de duas categorias distintas: uma voltada para os proprietários e

outra para os não proprietários, essa diferenciação evidencia a função social da educação como um instrumento de manutenção das estruturas de classe. A educação voltada para os proprietários é estruturada para reforçar sua posição de privilégio, oferecendo acesso a conhecimentos que perpetuam seu domínio sobre os meios de produção e as relações de poder. Por outro lado, a educação destinada aos não proprietários é orientada para a adaptação às necessidades do mercado de trabalho, preparando-os para ocupar posições subordinadas no sistema produtivo. Muitas vezes, esse tipo de educação é caracterizado por uma formação técnica restringindo as possibilidades de ascensão social e limitando o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade.

Essa divisão reflete o papel ideológico da educação na sociedade capitalista, onde em vez de ser um instrumento de emancipação humana, ela opera como um mecanismo de reprodução das desigualdades sociais e econômicas da nossa sociedade. Assim, a escola torna-se um ambiente onde as contradições de classe se manifestam, consolidando os interesses da classe dominante e dificultando a mobilidade social daqueles que pertencem às classes menos favorecidas.

Assim, entendemos que a função geral da Educação, juntamente com os interesses dos filhos da classe trabalhadora presentes na escola pública é desenvolver suas capacidades para alcançar a emancipação humana. Nesse contexto, é crucial que os alunos não apenas absorvam conhecimentos, mas também criem sentidos e significados para melhor compreender o mundo ao seu redor e atuar de forma crítica e transformadora na sociedade. A educação deve ser um processo que transcenda a mera transmissão de conteúdos, promovendo o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes e permitindo que eles identifiquem e questionem as estruturas de opressão e desigualdade que os cercam.

Ao criar sentidos e significados, os alunos se tornam capazes de relacionar os saberes escolares com suas experiências de vida e com os desafios da realidade social, cultural e econômica em que estão inseridos. Esse processo contribui para a formação de cidadãos autônomos e conscientes de seus direitos e deveres, aptos a lutar por justiça social e

participar ativamente na construção de uma sociedade mais equitativa e solidária.

Para Saviani (2020) “a função social da escola consiste em propiciar aos alunos a apropriação do saber sistematizado, para que, mediante esse saber, possam entender a realidade e transformá-la”. A escola tem uma responsabilidade social, é um espaço onde ocorre a formação integral dos indivíduos, portanto, o papel da escola pública vai além de preparar os jovens para o mercado de trabalho, ela deve ser um espaço de emancipação, onde os filhos da classe trabalhadora tenham a oportunidade de desenvolver plenamente suas potencialidades e se tornem protagonistas de suas histórias, promovendo mudanças significativas no coletivo social.

Analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola onde foram realizadas as aulas, percebemos que o documento tem como objetivo a melhoria da qualidade do ensino, garantindo um ambiente educativo democrático e participativo. A visão estratégica da escola é pautada em valores como excelência, responsabilidade e respeito, buscando oferecer um ensino de qualidade e fortalecer a participação dos pais na comunidade escolar. Sua missão é fornecer serviços educacionais que promovam cooperação e respeito mútuo entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Dentre os principais objetivos e metas estabelecidos no PPP, destacam-se a melhoria do desempenho acadêmico dos alunos, o fortalecimento da gestão escolar e a integração da comunidade no ambiente educativo. A valorização da cultura local e o incentivo a projetos interdisciplinares, além do compromisso em diminuir a evasão escolar e aumentar os índices de aprovação. Para atingir essas metas, a escola adota uma metodologia participativa, incentivando a autonomia dos alunos e promovendo reuniões pedagógicas e encontros com a comunidade para acompanhar o desenvolvimento das ações propostas no PPP.

No que se refere à Educação Física, o documento reconhece a importância dessa disciplina na formação dos alunos, destacando seu papel no desenvolvimento motor, cognitivo e social. A prática de atividades físicas e esportivas é valorizada como parte da formação cidadã, abrangendo não apenas os esportes tradicionais, mas também outras manifestações culturais

do movimento, como práticas corporais de aventura, ginástica, dança e jogos. Além disso, a Educação Física é vista como um meio para a construção de uma consciência crítica e participativa, alinhando-se à proposta da escola de promover o envolvimento ativo dos estudantes na sociedade. Dessa forma, o PPP da escola reafirma o compromisso com uma educação inclusiva, crítica e de qualidade, garantindo que os alunos tenham acesso a um ensino que os prepare para atuar de maneira consciente e transformadora na sociedade.

## **2.2. O lazer nas práticas corporais de aventura**

Primeiramente vamos conceituar o termo lazer, que de acordo com o sociólogo francês Joffre Dumazedier, trata-se de:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (Dumazedier, 1973, p.34).

A partir desse conceito o lazer é compreendido como um conjunto de atividades que uma pessoa escolhe livremente, buscando descanso, diversão, desenvolvimento pessoal, participação social, uma vez que esteja livre de suas obrigações rotineiras.

Outro conceito sobre o lazer é o trazido pelo autor Marcellino que afirma que o lazer:

“É entendido como a cultura compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível”. Essa cultura vivenciada no “tempo disponível” não é considerada em contraposição, mas em esteira ligação com o trabalho e com as demais esferas da vida social, combinando os aspectos tempo e atitude” (Marcellino, 1990, p.31).

Além dos conceitos de Dumazedier e Marcellino, o lazer pode ser compreendido em suas diferentes dimensões: física, intelectual, social, emocional, ambiental e espiritual. Essas dimensões se manifestam de maneira



integrada às práticas corporais de aventura, promovendo o bem-estar integral do indivíduo.

Primeiramente temos a dimensão física do lazer que se refere ao movimento corporal envolvido nas atividades, o que contribui diretamente para a saúde e a qualidade de vida. Práticas de aventura, como escalada, trekking e slackline, exigem esforço físico e oferecem oportunidades de desenvolvimento motor e condicionamento físico (Bruhns, 2005).

A dimensão intelectual está relacionada com adquirir novos conhecimentos, já que as práticas de aventura exigem planejamento, conhecimento técnico e muitas vezes o estudo sobre o ambiente natural, como o do local para a realização de uma trilha ou o clima de uma região montanhosa (González, 2007).

Na dimensão social o lazer manifesta-se quando as atividades são realizadas em grupo, promovendo a interação e a cooperação entre os participantes. Temos como exemplo de atividades de aventura o rafting e escalada em equipe, ambas incentivam o trabalho em equipe e a colaboração, criando uma rede de apoio mútua entre os seus praticantes (Reis, 2006).

A dimensão emocional está associada ao controle e à gestão das emoções, as atividades de aventura frequentemente envolvem desafios e a superação de medos, proporcionando experiências emocionais intensas e gratificantes, o enfrentamento de situações de risco controlado pode fortalecer a autoestima e a autoconfiança dos indivíduos (Le Breton, 2000).

Temos também a dimensão ambiental do lazer que é destacada nas práticas corporais de aventura pelo contato direto com a natureza, a participação de atividades ao ar livre desperta a consciência ambiental e promove uma relação mais próxima com o meio ambiente. Dentre as atividades podemos destacar a trilha e os esportes aquáticos que possibilitam uma vivência com o meio ambiente e uma maior valorização da preservação do mesmo (Loureiro, 2006).

Por fim, a dimensão espiritual pode manifestar-se por meio da sensação de uma conexão com algo maior, seja com a natureza, com outras pessoas ou com o próprio eu. O contato com paisagens naturais, como montanhas ou

florestas, oferece momentos de reflexão que podem levar a uma maior compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor (Friedmann, 1996). Essas seis dimensões interagem de forma integrada nas práticas corporais de aventura, tornando-as uma experiência enriquecedora em múltiplos aspectos do ser humano.

De acordo com Marinho, “os indivíduos constituem-se e desenvolvem-se em novas e diferentes condições sociais, econômicas, políticas e culturais. Nesse processo de construção de identidades e de socialização, o lazer é um elemento fundamental” (2008, p. 201). Tratando-se não apenas de uma atividade de forma isolada, mas de um componente essencial no desenvolvimento pessoal e na integração social dos indivíduos.

"Cada cultura vivencia o lazer de maneira única, moldando suas práticas de acordo com tradições, crenças e interpretações locais sobre o que é aventura, quais riscos são aceitáveis e como a natureza deve ser tratada. Essa diversidade cultural influencia diretamente a popularidade e as práticas das atividades de aventura, variando em cada região" (Silva; Moreira, 2022, p. 153).

O lazer e as práticas corporais de aventura são moldados pela diversidade cultural de cada sociedade, em diferentes contextos as atividades de aventura podem assumir significados variados e ser praticadas de formas diferentes, refletindo tradições e crenças de cada região. Nesse sentido, Betrán (1995) destaca a relação intrínseca dos seres humanos com a natureza, seja praticando esportes, em uma viagem turística, contemplando a paisagem ou por meio de outras manifestações de lazer. As práticas de aventura, nesse contexto, são estimuladas pelo desejo de experimentar novas sensações e emoções, promovendo um lazer significativo e pleno.

Marinho (2001) complementa essa visão ao afirmar que, na contemporaneidade, a natureza é requisitada como cenário e parceira inseparável das práticas de lazer, é imprescindível que se mantenha a relação dos seres humanos com a natureza, da qual todos fazem parte, para a consolidação do que chama de "tríade perfeita": lazer, natureza e aventura. Essa tríade proporciona uma combinação harmoniosa que satisfaz as necessidades de descanso, conexão com o ambiente natural e a busca por novas experiências emocionantes, contribuindo para um estilo de vida equilibrado e saudável.

O aumento na oferta e na demanda das atividades de aventura, tem despertado o interesse no campo acadêmico, levando a uma produção científica mais elaborada, temáticas como lazer e tempo livre, ecologia e meio ambiente, riscos, tecnologia e esporte de aventura, têm se tornado centrais para a compreensão e a interpretação das atividades de aventura na atualidade. Esses estudos reforçam as diversas possibilidades de significação dessas práticas e destacam seu valor social, cultural e ambiental.

### **2.3. As práticas corporais de aventura**

É difícil determinar uma cronologia precisa de eventos e fatos que marquem a origem das práticas de aventura, uma vez que essas atividades têm acompanhado o próprio desenvolvimento da humanidade. Sabe-se que, desde tempos remotos, os seres humanos já estavam presentes em cavernas, faziam travessias de montanhas, realizavam explorações e outras conquistas (Franco, Cavasini e Darido, 2014).

De acordo com Souza e Araújo (2016) as práticas corporais de aventura, como conhecemos hoje, já são realizadas há muito tempo, a prática dessas atividades no ambiente natural, ainda selvagem, sendo nos meios aquáticos, terrestres ou aéreos, é descrita desde o século XIX e foi reconhecida como práticas de lazer por volta da década de 1970.

Bungenstab et al., (2017, p.32) com base em Inácio et al. (2016), define as práticas corporais de aventura como sendo “realizadas distante dos centros urbanos, com risco controlado, com o objetivo de estabelecer outra relação com a natureza e com a lógica mercadológica e tecnicista da vida”.

O homem tem buscado praticar atividades em contato com a natureza, essas práticas foram se desenvolvendo e dando origem as Práticas Corporais de Aventura. As práticas corporais de aventura na escola são uma forma de valorização de uma temática em ascensão social, pois nos dias atuais essas atividades são praticadas por crianças, jovens e adultos em diversos espaços. (França e Domingos, 2023, p. 81).

Além do contato com a natureza, o homem buscou a realização dessas práticas para sair de sua zona de conforto e explorar as diversas sensações

despertadas durante e após a prática dessas atividades, essas sensações ocorrem com a liberação de hormônios como a adrenalina, serotonina e endorfina.

É importante tratar os conteúdos da Educação Física a partir da sua parte histórica e social, sendo também necessário renovar os conteúdos da Educação Física para torná-los relevantes e significativos para os alunos.

“Os conteúdos dessa cultura, se por um lado, cumprem o papel de transmitir uma tradição de práticas corporais construída historicamente na área e fazer com que os alunos se apropriem e se enriqueçam com ele, por outro lado, devem ser renovados para que sejam atuais e significativos aos alunos porque contextualizados em seu meio e munidos dos códigos e linguagens dos grupos nos quais foram gerados e vem sendo vividos” (Armbrust e Silva, 2007, p. 287).

As primeiras práticas corporais de aventuras conhecidas na história foram chamadas de esportes para adultos, dentre esses esportes estavam: skydiving, surfe, montanhismo, paraquedismo, trekking, alpinismo, ciclismo de montanha e paintball.

Para o autor Betrán (2003) os esportes de aventura ou práticas corporais foram divididos em três grandes meios: terra, ar e água. As práticas corporais de aventura incluem atividades realizadas em diferentes meios, como terra (exemplo: skate, snowboard, mountain bike, esqui acrobático, escalada livre), água (exemplo: surf, hidrospeed, rafting, descida de barrancos) e ar (exemplo: rope swing, queda livre, asa delta, parapente).

Essas práticas podem ser descritas por diversas nomenclaturas. Betrán (2003) utiliza o termo “atividade física de aventura na natureza”, enquanto Marinho (2008) propõe a expressão “atividades na natureza”. Independentemente do termo empregado, as definições convergem para a ideia de que essas práticas ocorrem em ambientes naturais (sejam terrestres, aquáticos ou aéreos) ou em espaços urbanos adaptados, distinguindo-se das práticas corporais tradicionais pelos seus objetivos específicos e o contato direto com o ambiente.

Segundo Cantorani e Pilař (2005), ao longo da história da humanidade, sempre houve práticas que envolviam desafios e experiências repletas de

emoções intensas. No entanto, essas atividades não podem ser classificadas como esportes de aventura, pois não eram realizadas com o mesmo propósito ou significado que atribuímos a essas práticas nos dias atuais.

Dentre as diversas terminologias que abordam essa temática na escola, resolvemos adotar a nomenclatura Práticas Corporais de Aventura, pois a partir dessas Práticas podemos compreender que no decorrer da história a humanidade construiu técnicas e equipamentos com a finalidade de superar obstáculos naturais e essa evolução serve como base para as aventuras realizadas hoje em dia, e ainda encontramos uma maior possibilidade de atividades para a construção da nossa sequência didática.

O documento que norteia o currículo do estado do Rio Grande do Norte é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Nele, a temática Práticas Corporais de Aventura é incluída com o foco no desenvolvimento de competências voltadas para a vivência, a segurança e a consciência ambiental dessas práticas. As habilidades previstas incluem:

**EF09EF12:** Vivenciar e fruir as práticas corporais de aventura, identificando suas principais características e analisando os benefícios, desafios, riscos e cuidados necessários, promovendo a consciência de segurança pessoal e coletiva.

**EF09EF13:** Relacionar as práticas corporais de aventura às questões socioculturais e ambientais, reconhecendo sua relevância para a preservação do meio ambiente e a valorização da diversidade cultural.

**EF09EF14:** Planejar e participar de experiências corporais de aventura, considerando as especificidades dos espaços naturais e urbanos, respeitando normas de segurança e aspectos éticos.

Embora a BNCC (2018) mencione aspectos relevantes como vivência, segurança e impacto ambiental, ela falha em aprofundar uma perspectiva crítica que relaciona essas práticas com questões sociais, políticas e culturais mais amplas. De acordo com Bracht (1992), a educação física escolar deve buscar a formação integral dos alunos, relacionando os conteúdos às suas realidades sociais e aos desafios do mundo contemporâneo. Essa abordagem

é fundamental para que os estudantes não apenas experimentem as práticas corporais de aventura, mas também compreendam o contexto em que estão inseridas.

Ao propor habilidades como "vivenciar e discutir práticas corporais de aventura considerando seus benefícios, os cuidados necessários e os possíveis impactos ambientais", o documento se limita a abordar as dimensões técnica e ecológica dessas práticas. Conforme Marinho (2008), é essencial integrar questões críticas e reflexivas ao ensino dessas práticas, promovendo discussões sobre desigualdades sociais, uso do espaço público e sustentabilidade, temas que a BNCC (2018) trata ainda de forma superficial.

Outro ponto crítico é a ausência de orientações claras para que os professores articulem os conteúdos com os interesses e realidades dos estudantes. Segundo Saviani (2020), uma educação crítica deve ser capaz de dialogar com o contexto histórico e social dos alunos, promovendo uma formação cidadã e consciente. Ao ignorar essa necessidade, a BNCC perde a oportunidade de transformar as práticas corporais de aventura em instrumentos pedagógicos que contribuam para a emancipação social.

Além disso, o enfoque limitado da BNCC favorece o tratamento das práticas corporais de aventura como eventos pontuais, desconectados de um projeto educativo mais amplo. Bracht (1999) critica essa fragmentação, afirmando que a educação física não deve ser reduzida a atividades isoladas, mas sim fazer parte de um processo contínuo de formação cultural e social.

Por fim, o potencial das práticas corporais de aventura para promover debates mais complexos e fomentar a consciência crítica e cidadã dos estudantes é negligenciado na BNCC. A integração de conteúdos dessa natureza ao currículo escolar deve ir além da mera vivência técnica e ecológica, abrangendo dimensões sociais e políticas, como sugere Freire (1996), que destaca a importância da educação como prática de liberdade e transformação social.

#### **2.4. Práticas corporais de aventura a partir da abordagem crítico-superadora e pedagogia histórico crítica**

A abordagem crítico-superadora está profundamente fundamentada na Teoria Histórico-Crítica, ligada ao Materialismo Histórico Dialético, que propõe a emancipação dos indivíduos por meio de uma compreensão crítica das estruturas sociais. Para Saviani (1983), o propósito dessa abordagem é proporcionar ao indivíduo as ferramentas necessárias para "compreender as relações de poder e as condições sociais que o cercam", permitindo que ele critique e supere as desigualdades e opressões que enfrenta. Nesse sentido, Saviani sustenta que "somente uma educação crítica possibilita ao sujeito entender seu papel histórico e social" (Saviani, 1983, p. 59), promovendo um movimento de conscientização que resulta em uma postura reflexiva e ativa frente às realidades sociais.

A abordagem crítico-superadora propõe a compreensão das práticas corporais não apenas como atividades físicas realizadas de forma isolada, mas como expressões culturais e sociais com sentidos e significados. Para o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física crítico-superadora busca "superar a prática alienada e tecnicista", oferecendo os conteúdos da Cultura Corporal que vão além do movimento pelo movimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 45). Dessa forma, as práticas corporais tornam-se um meio de compreender a sociedade e de desenvolver uma postura crítica sobre as imposições sociais.

Essa abordagem tem como objeto de estudo a Cultura Corporal, constituída pelos conteúdos jogo, ginástica, dança, lutas e esporte, sendo eles elementos que compõem a experiência corporal humana. Essa visão entende que o corpo e suas práticas não estão desvinculados do contexto social e histórico, mas, ao contrário, são profundamente influenciados por ele (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

As práticas corporais de aventura, como trilha, slackline e surfe, por exemplo, podem ser vistas como oportunidades para a reflexão crítica, já que envolvem o contato com a natureza e a superação de limites. Para Santos et al. (2017), essas atividades possibilitam o desenvolvimento de uma consciência

crítica, que desperta nos participantes uma compreensão sobre si mesmos e sobre o ambiente ao seu redor, incentivando uma relação de respeito e responsabilidade com o meio ambiente. Além disso, o desenvolvimento do conteúdo práticas de aventura a partir da abordagem crítico-superadora permite que o estudante reflita sobre questões de sustentabilidade e preservação ambiental.

No contexto educacional, a intervenção pedagógica com o conteúdo Práticas Corporais de Aventura será fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica, proposta por Dermeval Saviani. Um dos conceitos centrais dessa pedagogia é o processo de apropriação do conhecimento, que se estrutura em etapas, passando da sincrética para a sintética, em um movimento dialético de compreensão e reconstrução da realidade (SAVIANI, 2008).

Na primeira etapa, a síncrese refere-se ao primeiro contato do sujeito com um determinado conteúdo. Nesse momento, o conhecimento ainda está desestruturado, difuso e misturado, sem clareza ou organização. A Pedagogia Histórico-Crítica busca guiar o aluno para ultrapassar essa visão inicial do conteúdo até chegar à síntese, que representa um estágio de compreensão mais avançado do conhecimento.

Para chegar à síntese, o indivíduo passa pelas fases de análise e decomposição do objeto de estudo, reunindo as partes em uma visão global e organizada, resultando em um entendimento mais profundo e crítico do conteúdo (Saviani, 2008). Esse processo reflete o movimento dialético da Pedagogia Histórico-Crítica, promovendo a passagem do pensamento fragmentado para uma compreensão articulada e socialmente contextualizada do conhecimento.

Como teoria psicológica, utilizamos a Teoria Histórico-Cultural, que defende que o desenvolvimento psíquico humano é mediado socialmente e ocorre por meio da internalização das práticas culturais. O indivíduo não se desenvolve isoladamente, mas se transforma ao se apropriar dos sentidos e significados criados pela humanidade. Para Vygotsky (2007, p. 46), “O desenvolvimento psíquico humano só pode ser compreendido em seu processo



histórico, ou seja, no contexto das relações sociais e culturais em que o indivíduo está inserido”.

A intervenção ocorreu com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, que se encontram na fase da adolescência, entre 12 e 18 anos. Nesse período, as atividades sociais e de aprendizagem ganham predominância, refletindo a busca por autonomia e identidade. Segundo a Teoria Histórico-Cultural, a atividade dominante ou atividade guia é predominantemente social, envolvendo a busca de independência e autonomia. “Na adolescência, ocorre um aprofundamento das relações interpessoais e o sujeito desenvolve uma maior consciência de si e do outro” (Bozhovich, 2002, p. 97).

A atividade dominante é aquela que, em cada etapa do desenvolvimento, desempenha um papel crucial no processo de formação psíquica do indivíduo. Segundo Leontiev (1978), essa atividade está relacionada às necessidades e interesses centrais de cada fase da vida, sendo um motor para as mudanças qualitativas no desenvolvimento. As crises de desenvolvimento, longe de serem negativas, representam momentos de reorganização psíquica. “Cada etapa do desenvolvimento é marcada por crises, que funcionam como alavancas para o surgimento de novas formas de comportamento e consciência” Leontiev, (1978, p. 123).

Portanto, a intervenção pedagógica com o conteúdo de Práticas Corporais de aventura, orientada pela abordagem crítico-superadora e sustentada pela Pedagogia Histórico-Crítica, possibilita uma educação que transcende a mera transmissão de conteúdos. Ela promove a emancipação dos alunos ao capacitá-los para uma leitura crítica da realidade, permitindo-lhes compreender e transformar o mundo em que vivem.

## **2.5. Práticas corporais de aventura: *slackline*, trilha e surf**

Segundo Betti (1991), “as práticas corporais de aventura são um meio para a vivência de experiências intensas e desafiadoras, fundamentais para o desenvolvimento integral do aluno” (p. 79). Dentre as diversas práticas corporais de aventura existentes, selecionamos três para aprofundar em nossa unidade didática, sendo elas o *slackline*, o surf e a trilha.

O slackline é uma prática corporal de aventura que surgiu nos anos 1980, nos Estados Unidos, como uma atividade complementar para escaladores, seus momentos de descanso ou que o tempo estava inapropriado para a prática da escalada, esses esportistas utilizavam fitas de náilon para treinar equilíbrio e estabilidade, criando o que mais tarde se tornaria uma modalidade esportiva própria.

Segundo Masseto e Moretti (2013, p. 112), “o slackline representa o encontro entre criatividade, técnica e o desafio de superar limites físicos e mentais.” A prática, inicialmente restrita a grupos específicos, cresceu em popularidade, especialmente com o surgimento de modalidades como o *trickline*, envolvendo manobras acrobáticas e *highline*, praticado em alturas elevadas.

Ao longo dos anos, o slackline passou a ser utilizado em ambientes educacionais e de lazer. Segundo Pereira (2013), “a prática passou a se expandir para além dos círculos de escaladores, sendo introduzida em espaços urbanos e academias, e ganhando adeptos em diversos países” (p. 58). Os autores Souza e Freitas (2016), “o slackline é uma prática corporal de aventura que possibilita o desenvolvimento de habilidades físicas e emocionais, sendo uma ferramenta pedagógica inovadora” (p. 112).

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 45), “a educação física deve possibilitar a apropriação crítica dos conteúdos da cultura corporal” . Assim, o slackline pode ser introduzido como uma prática corporal que promove o equilíbrio e a reflexão crítica sobre a cultura corporal, considerando sua prática em diferentes contextos sociais.

Na Educação Física Escolar, o slackline oferece oportunidades para integrar teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Essa prática estimula habilidades como equilíbrio, coordenação motora e concentração, além de promover valores como a superação de desafios e o trabalho em equipe (Bungenstab et al., 2017). Além disso, ao abordar o slackline no contexto escolar, os professores podem explorar conteúdos

relacionados à história do esporte, suas diferentes modalidades e a importância da preservação ambiental, conectando a prática ao cotidiano dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a necessidade de diversificar os conteúdos da Educação Física, incentivando a inclusão de práticas corporais de aventura no currículo. Segundo o documento, "as práticas corporais devem ser abordadas de forma que considerem as diferentes realidades culturais e ambientais, promovendo experiências significativas" (Brasil, 2018, p. 320).

Por fim, o uso do slackline na Educação Física Escolar é uma forma de aproximar os alunos do conhecimento sobre as práticas corporais, valorizando a criatividade e a interação com a natureza. Saviani (2020) ressalta que, "a prática educativa deve ser um espaço de emancipação, em que os alunos compreendam o mundo ao seu redor de forma crítica e transformadora."

As trilhas fazem parte das práticas corporais de aventura, são atividades que promovem interação com a natureza e a vivência de desafios que combinam esforços físicos, mentais, e também as interações com outros indivíduos. De acordo com González, Darido e Oliveira (2014), as trilhas podem ser exploradas como práticas pedagógicas que vão além do condicionamento físico, promovendo vivências culturais e sociais.

Marinho (2008, p.189) concorda com a implementação do conteúdo trilhas, nas aulas de Educação Física e afirma que "as trilhas, ao promoverem o deslocamento em ambientes naturais, favorecem a percepção do espaço físico e o reconhecimento das relações socioambientais que o configuram." .

Betrán (1995) destaca que as trilhas integram um contexto sociocultural, pois resgatam práticas humanas ancestrais de deslocamento e exploração do território. Essas atividades podem ser vistas como uma volta a suas origens e afastamento das áreas urbanas, criando oportunidades de reconexão com a natureza.

A prática de trilhas também se relaciona com a conscientização ambiental, os autores Dumazedier (1973) e Marinho (2008) afirmam que as

trilhas podem contribuir para a formação de uma ética ambiental, incentivando a preservação dos ecossistemas visitados. Além disso, favorecem reflexões sobre o impacto humano na natureza, desenvolvendo nos praticantes uma consciência crítica sustentável.

As trilhas ajudam a compreender as relações de poder e exploração ambiental, levando os estudantes a refletirem sobre o papel humano na construção e preservação do meio ambiente. As práticas corporais de aventura, como as trilhas, podem ser abordadas de maneira crítica, possibilitando aos estudantes questionar as relações de exploração da natureza e propor alternativas sustentáveis.

Dentre os benefícios na prática da trilha gostaríamos de destacar melhora no condicionamento cardiovascular e a resistência; estimula orientação espacial e resolução de problemas, proporciona momentos de contemplação e relaxamento, aliviando o estresse; incentivam a consciência crítica sobre o cuidado e a responsabilidade com a natureza.

O surfe é considerado uma das mais antigas práticas corporais de aventura. De acordo com Amorim e Toledo (2001, p. 12), "o surfe consiste em deslizar sobre as ondas utilizando uma prancha, sendo uma prática que une habilidade, equilíbrio e conexão com a natureza". Sua origem remonta às antigas civilizações havaianas, onde era não apenas uma atividade recreativa, mas também um elemento cultural e espiritual. Segundo Bettrán (1995, p. 6), "o surfe é mais do que uma prática esportiva; é um modo de interação com o ambiente que remonta a rituais ancestrais ligados à relação homem-natureza."

Com o passar do tempo, o surfe evoluiu sendo difundido pelo mundo durante o século XX, especialmente nas praias da Califórnia e da Austrália. De acordo com Marinho (2008, p. 190), "a expansão do surfe refletiu o movimento de apropriação das práticas naturais pela sociedade industrial, que viu no esporte uma forma de lazer e resistência ao cotidiano urbano."

Bungenstab et al. (2017) destacam que o surfe, quando incorporado ao contexto escolar, ultrapassa sua dimensão esportiva e se torna um meio para desenvolver valores socioculturais e ambientais. Sua prática possibilita aos

alunos a compreensão do mar como um espaço de interação, lazer e aprendizado, incentivando a preservação ambiental e promovendo a inclusão social por meio da vivência com a natureza. Além disso, ao ser trabalhado na escola, o surfe pode promover debates sobre questões como a preservação ambiental, valorizando a conexão entre o esporte e os espaços naturais, ultrapassando a simples execução de movimentos, permitindo que os estudantes reflitam sobre as implicações culturais e ecológicas das práticas corporais de aventura.

A inclusão de conteúdos como o surfe na escola está alinhada aos princípios de uma educação crítica, onde o aluno é levado a refletir sobre o meio ambiente e seu papel na sociedade. Dessa forma, o surfe transcende sua dimensão esportiva, possibilitando a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as transformações sociais e com a sustentabilidade ambiental.

### **3. PERCURSO INVESTIGATIVO**

#### **3.1. Universo da pesquisa**

A Escola Estadual Dr. Meiroz Grillo está situada no Sítio São Luiz, Tibau do Sul - Rio Grande do Norte, devido à sua localização, é considerada uma Escola do Campo. A instituição atende aproximadamente 200 alunos do Ensino Fundamental — Anos Finais e Ensino Médio, funcionando nos turnos matutino e vespertino.

Em relação à infraestrutura, a escola conta com quatro salas de aula, sala de professores, sala de recursos multifuncionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, biblioteca, sala de secretaria, despensa e refeitório. No entanto, um dos desafios enfrentados na oferta das atividades escolares, especialmente na Educação Física, é a falta de espaços adequados para a prática da educação física.

O único local disponível para a realização das aulas de Educação Física é um campo de futebol da comunidade, localizado atrás da escola. Embora

esse espaço proporcione um ambiente ao ar livre, sua estrutura limita as possibilidades de trabalhar os conteúdos da Cultura Corporal. Além disso, a escassez de materiais pedagógicos específicos dificulta a realização de atividades variadas, restringindo a prática e dificultando ministrar aulas dos conteúdos jogos, ginástica, lutas, esportes, danças e práticas corporais de aventura.

O trabalho docente precisa ser desenvolvido em espaço e com materiais adequados, sabendo que o trabalho objetivo constroi o sujeito subjetivamente Lindoso (2017), ainda sobre isso, Menezes (2010) argumenta:

“Não é possível educar e cuidar em situação precária. Ensinar e aprender demandam espaços que possibilitem, além de estudar e discutir valores, questionar, sugerir e assumir compromissos. Só é possível formar cidadãos nos mais diferentes espaços em que circulam conhecimentos e saberes. É preciso promover experiências com as diferentes linguagens/espaços: a arte em geral, a literatura, a música, o cinema, o teatro, a pintura, os museus, as bibliotecas. Dessa forma, estaremos humanizando e compreendendo o sentido da vida para além da dimensão didática (Menezes, 2010, p.10).”

Diante dessa realidade, é fundamental pensar em estratégias pedagógicas que busquem adaptar o ensino da Educação Física ao contexto da escola, explorando recursos alternativos, novas metodologias e práticas que valorizem a cultura corporal dos alunos, respeitando suas condições e necessidades.

### **3.2. Participantes**

A população estudada foi composta pelos alunos matriculados no 9º ano do ensino fundamental anos finais, de ambos os sexos, feminino e masculino, na faixa etária de 14 a 18 anos.

### **3.3. Materiais e Métodos**

A metodologia da pesquisa foi a de pesquisa-ação, que se trata de uma pesquisa social que pretende superar um problema coletivo no qual os sujeitos envolvidos na pesquisa colaboram entre si na busca da resolução. Severino (2007, p. 120) afirma que:

“A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa [a] intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levam a um aprimoramento das práticas analisadas”

Na pesquisa-ação “[...] é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação”. (THIOLLENT, 1986, p.19)

A pesquisa ação prescinde de uma pesquisa documental, que segundo Gil (2008), é semelhante à pesquisa bibliográfica, porém sua única diferença está nas das fontes a pesquisa bibliográfica utiliza as contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto a documental considera que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais. Os documentos que vamos explorar na nossa pesquisa são o do PPP da escola e a BNCC.

A pesquisa ação é de abordagem qualitativa, pois ela “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2009). A pesquisa qualitativa não se baseia em números para garantir sua representatividade, uma amostragem boa é a que abrange o total do problema investigado em suas dimensões (Minayo, 1992).

Para obter uma visão geral da temática do nosso trabalho vamos fazer uma revisão de literatura, que de acordo com Severino (2007, p.131) deve:

“Expor os referenciais teórico-metodológicos, ou seja, os instrumentos lógico-categoriais nos quais se apoia para conduzir o trabalho investigativo e o raciocínio. Trata-se de esclarecer as várias categorias que são utilizadas para dar conta dos fenômenos a serem abordados e explicados”.

### 3.4. Procedimentos para a coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, foi realizado um processo criterioso de seleção dos participantes, garantindo que o grupo representasse adequadamente os objetivos do estudo. O recrutamento foi feito com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental — Anos Finais, que participaram voluntariamente da intervenção pedagógica. Antes do início das atividades, os estudantes foram informados sobre os propósitos da pesquisa e assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, conforme preconiza a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece diretrizes para pesquisas com seres humanos. A intervenção teve duração total de sete semanas, com um total de 16 aulas de Educação Física, distribuídas da seguinte forma:

- Primeira semana: apresentação dos objetivos da pesquisa e aplicação do questionário inicial;
- Segunda semana: abordagem teórica sobre a história das práticas corporais de aventura e sua classificação;
- Terceira e quarta semanas: reflexão e prática sobre o slackline;
- Quinta semana: introdução ao surfe e balance board, explorando seus aspectos técnicos e sociais;
- Sexta semana: atividade prática de trilha no Santuário Ecológico, promovendo contato direto com a natureza;
- Sétima semana: aplicação do questionário final para análise dos impactos da intervenção.

O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário de perguntas abertas. Segundo Parasuraman (1991), o questionário é um conjunto de questões elaboradas com o objetivo de fornecer os dados essenciais para se atingir os propósitos de uma pesquisa. Esse instrumento foi aplicado em dois momentos: no início da intervenção, para identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre as práticas corporais de aventura, e ao final, para analisar a evolução do pensamento dos participantes. A partir da abordagem da Pedagogia Histórico-Crítica, buscamos verificar se os alunos



avançaram do conhecimento sincrético para o conhecimento sintético (Saviani, 2008), evidenciando uma compreensão mais crítica e contextualizada dos conteúdos trabalhados.

### **3.5. Procedimento p ara armazenamento de dados**

Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo, físico ou digital, sob guarda e responsabilidade da pesquisadora responsável, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Para garantir uma maior segurança quanto ao armazenamento dos dados coletados, adotaremos um uso de um programa de antivírus em um computador reservado para a pesquisa. Todos os arquivos serão guardados e atualizados em um drive virtual durante toda a pesquisa.

### **3.6. Procedimentos para a análise de dados**

A análise dos dados foi realizada com base na pesquisa descritiva, abordagem metodológica que tem como finalidade caracterizar, registrar, analisar e interpretar os fatos observados, sem a intenção de interferir ou modificar a realidade estudada. Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), a pesquisa descritiva “tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Esse tipo de pesquisa é usada quando se pretende compreender, com profundidade, aspectos específicos de uma realidade concreta, neste caso, as Práticas Corporais de Aventura desenvolvidas no contexto escolar, a partir da intervenção pedagógica realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Através da observação sistemática e da coleta de dados por meio de registros escritos e relatos dos alunos, buscou-se captar como esses sujeitos compreendem e vivenciam tais práticas no ambiente escolar.

A análise descritiva permitiu organizar os dados a partir de categorias analíticas previamente estabelecidas com base no referencial teórico, como: esportes de aventura, práticas corporais de aventura e classificação das práticas corporais de aventura. A essas, somaram-se as categorias empíricas, que emergiram durante o processo investigativo, expressando as percepções, interpretações e experiências dos alunos com as atividades propostas.

Essa metodologia possibilitou uma leitura reflexiva e interpretativa das informações coletadas, permitindo estabelecer relações entre os dados empíricos e os fundamentos teóricos discutidos ao longo da pesquisa. Desse modo, foi possível compreender os impactos pedagógicos das Práticas Corporais de Aventura no processo de ensino-aprendizagem, com base em uma abordagem fundamentada e coerente com os objetivos da investigação.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos ao longo da intervenção pedagógica realizada com os alunos detalhando o percurso de construção do conhecimento sobre as Práticas Corporais de Aventura. A partir da análise das atividades desenvolvidas em cada semana, buscamos compreender como os estudantes evoluíram em relação à apropriação dos conceitos, à vivência prática e às reflexões sobre o tema.

A abordagem metodológica adotada seguiu uma estrutura organizada em diferentes momentos de ensino-aprendizagem, contemplando a problematização, instrumentalização e catarse dos conhecimentos adquiridos. Em cada semana, foram propostas atividades teóricas e práticas que possibilitaram a experimentação, o debate e a construção coletiva do saber, proporcionando aos alunos um envolvimento progressivo com os conteúdos. Inicialmente, foram aplicados questionários diagnósticos, que permitiram identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as práticas corporais de aventura. Em seguida, a unidade de ensino abordou a história, classificação e vivências práticas dessas atividades, relativas às temáticas Slackline, Balance Board, Surf e Trilhas. Além disso, reflexões sobre a relação entre as práticas corporais e o meio ambiente foram estimuladas, favorecendo um olhar mais crítico e contextualizado sobre o tema.

A partir da análise dos dados coletados, os resultados foram organizados em categorias e subcategorias que refletem as diferentes dimensões do aprendizado dos alunos. Essas categorias incluem história e contextualização, evidenciando como os estudantes passaram a compreender a origem e a evolução das práticas corporais de aventura; conceito, demonstrando como eles definem e interpretam as modalidades trabalhadas; classificação e estrutura, destacando a organização das atividades em diferentes ambientes (terrestre, aquático e aéreo); e sentido e significado, explorando as percepções dos alunos sobre a importância dessas práticas para a formação cidadã e a preservação ambiental.

Ao longo da intervenção, foi possível observar a evolução dos estudantes, tanto no domínio dos conceitos quanto na participação ativa durante as aulas. O envolvimento com as práticas corporais de aventura promoveu não apenas o desenvolvimento de habilidades motoras, como equilíbrio, coordenação e propriocepção, mas também a reflexão crítica sobre os aspectos culturais e sociais dessas atividades. Além disso, desafios e limitações enfrentados durante as aulas foram analisados, contribuindo para a compreensão das possibilidades e dificuldades de implementação desse conteúdo no contexto escolar.

Nos tópicos a seguir, serão apresentados os resultados detalhados de cada semana da intervenção, evidenciando como as atividades propostas contribuíram para a construção do conhecimento dos alunos sobre as práticas corporais de aventura.

#### **4.1. Primeira Semana: Introdução ao processo metodológico e diagnóstico**

Na primeira semana, os alunos foram inseridos no processo metodológico da intervenção, com a assinatura de termos de consentimento e autorizações de uso de imagem e voz, além da aplicação de um questionário

diagnóstico. O objetivo foi identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre as Práticas Corporais de Aventura, explorando suas percepções e experiências anteriores.

#### Momento 1: Apresentação do Tema

Iniciamos a aula apresentando o tema “Práticas Corporais de Aventura”, explicando os objetivos do instrumento de diagnóstico e a relevância do conteúdo para a vivência escolar e formação dos alunos.

#### Momento 2: Aplicação do Questionário Diagnóstico

Os alunos responderam a um questionário para identificar os conhecimentos prévios e experiências relacionados às práticas corporais de aventura. Esse instrumento foi utilizado como base para planejar atividades que dialogassem com a realidade dos estudantes.

#### Momento 3: Discussão em Grupo

Após a aplicação do questionário, os alunos formaram grupos para discutir suas respostas, compartilhando vivências e expectativas sobre o conteúdo. Essa etapa fomentou o debate coletivo e proporcionou um ambiente de aprendizado colaborativo.

#### Momento Final

A aula foi encerrada com a síntese dos pontos mais importantes mencionados pelos alunos, destacando percepções sobre as práticas corporais de aventura e o impacto dessas práticas na sociedade.

### **4.2. Segunda Semana: História e classificação das Práticas Corporais de Aventura**

Nesta semana, o objetivo foi conhecer a história e evolução das Práticas Corporais de Aventura;

Fase 1: Problematização, por meio de uma roda de diálogo, o professor apresentou questões norteadoras: *Como as práticas corporais de aventura*

começaram? Quais são as principais modalidades? Como elas se classificam? O que sentimos ao realizá-las?

Fase 2: Instrumentalização, os alunos assistiram a um vídeo documentário (link: [https://www.youtube.com/watch?v=tTX\\_Q\\_2pF8I](https://www.youtube.com/watch?v=tTX_Q_2pF8I)) sobre a história das práticas corporais de aventura. Após assistirem os vídeos, os alunos receberam imagens de modalidades de aventura e, em grupo, classificaram-nas em categorias (terra, água e ar). Após as correções feitas em conjunto com o professor, os grupos criaram painéis temáticos, promovendo o entendimento sobre a diversidade dessas práticas. Em seguida os alunos expuseram os painéis construídos.



Figura 1. Classificação das práticas corporais de Aventura (Terra). Fonte: do autor.



Figura 2. Classificação das práticas corporais de Aventura (Ar). Fonte: do autor.

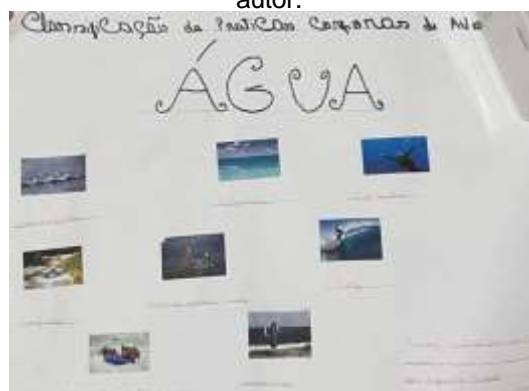


Figura 3. Classificação das práticas corporais de Aventura (Água). Fonte: do autor.



Figura 4. Alunos construindo as classificações. Fonte: do autor.

## Momento Final

Finalizamos a aula com uma roda de conversa onde os alunos falaram sobre o que foi aprendido no decorrer da aula.

No contexto da aula descrita, a classificação das práticas corporais de aventura como terrestres, aquáticas e aéreas contribuiu para um aprendizado significativo dos alunos, possibilitando o reconhecimento das modalidades e construindo de forma coletiva o conhecimento. Essa prática está alinhada com os princípios defendidos por Saviani (2008), que ressalta a necessidade de uma abordagem pedagógica que articule o conhecimento sistematizado com a realidade vivida pelos estudantes, promovendo uma educação crítica e transformadora. Ao propor a construção de painéis temáticos, a atividade promoveu uma avaliação do conteúdo, consolidando o aprendizado por meio de um trabalho em grupo. Essa aula dialoga com a abordagem do Coletivo de Autores (1992), que sugere que as aulas de Educação Física devem ir além do aspecto técnico e promover reflexões críticas sobre os fenômenos culturais, conectando o conteúdo às experiências dos estudantes e às questões sociais mais amplas.

#### **4.3. Terceira Semana: Introdução ao slackline**

O tema central desta semana foi o Slackline, explorando sua história, benefícios e técnicas. O objetivo foi compreender os conceitos e técnicas básicas do slackline e desenvolver habilidades de equilíbrio e concentração, relacionando com a importância da superação de desafios e o trabalho em equipe, promovendo uma reflexão crítica sobre os limites e possibilidades dessa prática corporal de aventura no contexto escolar.

Fase 1: Problematização, os alunos participaram de uma roda de conversa e nela surgiram questionamentos acerca do Slackline: *O que é o Slackline? Como surgiu? Como praticar? Qual a importância do equilíbrio e da concentração?*

Fase 2: Instrumentalização, durante a apresentação teórica de forma oral com slide, os alunos tomaram notas sobre a história e os benefícios do Slackline. Em seguida, a prática foi realizada no espaço externo, onde os alunos se familiarizaram com a fita, realizando movimentos iniciais como passar por cima, sentar, pular e caminhar com auxílio.



Figura 5. 1º aula de Slackline. Fonte: do autor.



Figura 6. 1º aula de Slackline. Fonte: do autor.

### Momento final

A aula foi encerrada com reflexões sobre as sensações vivenciadas e os desafios enfrentados na prática, retomando as problemáticas iniciais.

Nessa aula, a turma mostrou grande interesse em participar, todos os alunos da turma participaram. Percebemos que a prática do Slackline despertou curiosidade e entusiasmo, especialmente quando os alunos começaram a se familiarizar com a fita e experimentaram os movimentos iniciais. Durante a prática do Slackline a turma colaborou entre si, ajudando-se ao caminhar sobre a fita. Ao final, os alunos relataram que a experiência foi divertida, passando muito rápido e que não tinha sido suficiente a vivência do Slackline.

Já dito anteriormente o slackline oferece oportunidades para integrar teoria e prática, com isso contribui para o desenvolvimento integral do cidadão, essa prática estimula habilidades como equilíbrio, coordenação motora e concentração, além de promover valores como a superação de desafios e o trabalho em equipe (BUNGENSTAB et al., 2017). Percebemos que nessa aula os alunos trabalham em equipe na travessia da fita, os mais habilidosos ajudaram e ensinaram os menos habilidosos.

A vivência prática do Slackline em contexto escolar vai ao encontro do que defendem autores da abordagem crítico-superadora, como Saviani (2008), que enfatizam a importância de conteúdos que propiciem reflexões críticas e desenvolvimento integral do ser.

#### 4.4. Quarta Semana: Slackline

A quarta semana teve como objetivo aprofundar as técnicas de equilíbrio e concentração no slackline por meio de atividades que envolvam criação e reprodução de movimentos, estimulando o desenvolvimento motor e a reflexão crítica sobre a prática.

Fase 1: Problematização, a aula retomou questionamentos sobre os conceitos e técnicas do Slackline, reforçando a importância do equilíbrio e da concentração.

Fase 2: Instrumentalização, os alunos participaram da montagem do Slackline, observando os procedimentos técnicos. Na sequência, realizaram atividades práticas, como criar posições de equilíbrio, reproduzir movimentos uns dos outros e atravessar a fita com apoio progressivo, até tentar sozinhos.



Figura 7. 2º aula de slackline. Fonte: do autor



Figura 8. 2ª aula de slackline. Fonte: do autor.

Momento final.

Em seguidas fomos para a sala onde os alunos responderam questionários com as seguintes questões:

- O que é o Slackline?
- Como surgiu o Slackline?
- No slackline pode ser feito os exercícios estáticos e o dinâmico, defina-os:
- O que precisa para praticar o slackline?



Respostas dos alunos:

Aluno A: “O Slackline é uma atividade que trabalha o equilíbrio. É como se fosse andar em uma corda bamba, só que mais larga.”

Aluno B: “O Slackline surgiu entre os escaladores que treinavam equilíbrio nas cordas. É interessante como algo que começou como treino virou um esporte.”

Aluno C: “O exercício estático é quando a gente fica parado na fita, tentando se equilibrar. O dinâmico é quando tentamos andar, pular ou fazer movimentos.”

Aluno D: “Para praticar Slackline, precisa de uma fita resistente, dois pontos de fixação e bastante concentração!”

Aluno E: “Mesmo sem conseguir participar da prática, aprendi que o Slackline desenvolve o equilíbrio e a concentração. Quero tentar numa próxima oportunidade!”

A quarta semana foi marcada por desafios no ambiente externo, que impactaram a participação dos alunos na atividade proposta. Nessa aula, montamos o Slackline em uma praça em frente à escola, aproveitando o espaço para promover uma vivência mais ampla e prática do conteúdo. No entanto, três indivíduos da comunidade estavam no local consumindo bebidas alcoólicas e, infelizmente, começaram a interagir de forma inadequada com os alunos, o que gerou constrangimento e comprometeu a participação de muitos estudantes. Apenas um pequeno grupo conseguiu participar plenamente na atividade prática, enquanto o restante ficou observando.

Os desafios enfrentados na prática externa evidenciam a complexidade de utilizar espaços públicos como extensão da sala de aula. Segundo Freire (1996), o ambiente educativo não se limita à sala de aula tradicional; ele pode e deve ser expandido para outros contextos, possibilitando que o aprendizado dialogue com a realidade social dos educandos. No entanto, para que essa ampliação seja efetiva, é necessário considerar os fatores socioculturais do entorno e planejar estratégias para lidar com possíveis adversidades.

De volta à escola, aplicamos um questionário sobre o Slackline, permitindo que mesmo os alunos que não participaram da prática pudessem refletir e expressar seus conhecimentos e percepções sobre o conteúdo. A aplicação do questionário funcionou como um recurso pedagógico para consolidar conceitos e incentivar a análise crítica da prática vivenciada, tornando o aprendizado mais significativo. Nesse sentido, Saviani (2008) destaca a importância de estratégias que possibilitem a reflexão sobre a experiência, mesmo sem a participação direta, favorecendo a internalização dos conhecimentos e o desenvolvimento do pensamento crítico.

#### **4.5. Quinta Semana: Introdução ao surf e vivência com balance Board**

Nesta semana, o objetivo da aula foi compreender o conceito e a história do Surf como prática corporal de aventura, relacionando o equilíbrio, propriocepção e coordenação, com os desafios culturais e sociais dessa modalidade, por meio da simulação no Balance Board para promover uma reflexão crítica sobre o esporte e suas possibilidades de acesso. Exploramos o Surf como uma prática corporal de aventura, abordando sua história, fundamentos e as habilidades motoras essenciais para sua execução. A proposta envolveu não apenas a compreensão teórica do esporte, mas também uma vivência prática com o Balance Board, um equipamento que simula os movimentos do Surf.

Fase 1: Problematização, para introduzir o tema, iniciamos a aula com uma discussão orientada por questões norteadoras: *O que é o Surf? Como surgiu essa prática? O Surf é acessível a todos? Quais habilidades físicas ele desenvolve?* Esse momento inicial incentivou os alunos a refletirem sobre o esporte, relacionando suas percepções prévias com o que seria abordado ao longo da aula.

Fase 2: Instrumentalização, a turma realizou uma leitura compartilhada de um texto sobre a história do Surf, aprofundando-se em sua evolução como prática corporal de aventura e em sua popularização ao longo do tempo. Em seguida, apresentamos o Balance Board, destacando sua

funcionalidade como simulador dos movimentos do Surf e sua importância para o treinamento da modalidade.

Durante a vivência com o Balance Board, os alunos experimentaram diferentes níveis de dificuldade, percebendo a necessidade de ajustes corporais para manter o equilíbrio. No início, muitos demonstraram desafios na estabilidade postural, apresentando dificuldades em se manter sobre o equipamento por longos períodos. No entanto, conforme exploravam novas estratégias e ganhavam confiança, foi possível observar uma evolução significativa na execução dos movimentos.

O equilíbrio, a propriocepção e a coordenação motora são habilidades fundamentais para a prática de diversas modalidades esportivas, especialmente aquelas que envolvem superfícies instáveis, como o Balance Board e o Surf. O equilíbrio pode ser definido como a capacidade do corpo de manter a estabilidade postural, sendo essencial para a execução de movimentos precisos e seguros (SCHMIDT; WRISBERG, 2001). Já a propriocepção refere-se à percepção interna do posicionamento corporal no espaço, permitindo ajustes motores automáticos para manter a postura e o controle dos movimentos (SHUMWAY-COOK; WOOLLACOTT, 2017). Por fim, a coordenação motora envolve a integração eficiente entre diferentes grupos musculares, possibilitando respostas rápidas e ajustadas aos desafios do ambiente (GALLAHUE; OZMUN, 2013).

Durante a vivência, os alunos puderam perceber na prática a importância dessas habilidades para a execução dos movimentos no Balance Board. Ao enfrentar o desafio de manter-se equilibrados sobre a prancha, experimentaram como pequenos ajustes corporais influenciam diretamente na estabilidade e no controle do movimento.



Figura 9. Aula de balance board. Fonte: do autor.



Figura 10. Aula de balance board. Fonte: do autor.

### Momento Final

Após a prática, realizamos uma roda de conversa, retomando as problematizações iniciais e incentivando os alunos a compartilharem suas experiências e sensações.

Aluno A: "O Surf é incrível, mas exige muito equilíbrio!"

Aluno B: "No começo, eu não consegui ficar muito tempo em cima do Balance Board, mas depois fui melhorando."

Aluno C: "A história do Surf é muito interessante, eu não conhecia."

Aluno D: "Gostei bastante de experimentar o Balance Board. Me senti como se estivesse tentando surfar de verdade!"

A atividade possibilitou não apenas o desenvolvimento motor dos alunos, mas também uma nova percepção sobre o Surf enquanto modalidade esportiva e prática corporal de aventura. A relação entre teoria e prática permitiu que os estudantes compreendessem as exigências físicas e cognitivas do Surf, percebendo como treinamentos complementares, como o Balance Board, podem contribuir para o aprimoramento da técnica. Além disso, a vivência despertou diferentes emoções, desde a empolgação ao superar desafios até a frustração inicial diante da dificuldade do exercício, o que reforça a importância da persistência para vencer desafios.

Dessa forma, a experiência proporcionou um aprendizado significativo, conectando os conteúdos abordados com a realidade dos alunos e

incentivando a reflexão sobre a importância do equilíbrio, da concentração e da consciência corporal para a prática do Surf.

#### **4.6. Sexta Semana: Trilha no Santuário Ecológico de Pipa**

Nesta aula, realizamos uma visita guiada ao Santuário Ecológico de Pipa, localizado em Tibau do Sul, Rio Grande do Norte, uma reserva de Mata Atlântica que abriga uma rica biodiversidade e tem como objetivo a preservação ambiental e a educação ecológica. O objetivo principal da aula foi compreender a trilha como uma prática corporal de aventura, analisando suas características, desafios e impactos ambientais, além de refletir sobre a relação entre o ser humano e a natureza.

##### **Fase 1: Introdução e Contextualização.**

Antes da trilha, realizamos um momento de contextualização teórica sobre essa prática corporal de aventura. Os alunos foram provocados com os seguintes questionamentos: *O que caracteriza uma trilha como prática corporal de aventura? Quais os desafios envolvidos nessa atividade? Como a trilha pode contribuir para a conscientização ambiental? Quais cuidados devemos ter ao realizar uma trilha em uma reserva ecológica?*

Após essa discussão, o guia do santuário apresentou informações sobre a criação da reserva, seus objetivos de preservação ambiental e os diferentes percursos que iríamos realizar.

##### **Fase 2: Vivência da Trilha.**

Percorremos diferentes trilhas do santuário, cada uma com suas particularidades e desafios:

- Caminho do Jacú (200 m)
- Caminho dos Piratas (100 m)
- Vereda da Moça Branca (400 m)
- Caminho da Jibóia (340 m)
- Passeio do Peroba (300 m)
- Escada do Velho Castelo (90 m) — trilha mais desafiadora devido ao terreno íngreme.

Além da caminhada, os alunos puderam observar a fauna e a flora local, registrando no percurso espécies como tartarugas marinhas e golfinhos, além da vegetação nativa da Mata Atlântica.



Figura 11. Explicação do guia sobre a trilha do Santuário Ecológico. Fonte: do autor.



Figura 12. Alunos realizando a trilha. Fonte: do autor.



Figura 13. Turma do 9º ano no Mirante. Fonte: do autor.



Figura 14. Alunos observando o Mirante. Fonte: do autor.

### Fase 3: Avaliação e Catarse da Experiência

Ao final do percurso, fizemos um momento de avaliação da atividade. Durante uma roda de conversa, os alunos compartilharam suas percepções sobre a trilha, destacando os desafios físicos, as descobertas sobre a natureza e as sensações experimentadas durante a caminhada.

Relatos dos alunos:

Aluno A: "A trilha me fez perceber como a natureza é incrível e precisa ser preservada. Foi interessante ver os animais no habitat natural e pensar em como a nossa presença pode afetá-los."

Aluno B: "Achei que seria mais difícil, mas consegui completar todas as trilhas. A Escada do Velho Castelo foi um desafio por ser muito íngreme, mas me senti bem depois de superá-la."

Aluno C: "No começo, eu fiquei com receio dos bichos e do mato fechado, mas depois percebi que a trilha é segura e fiquei mais confiante."

Aluno D: "Gostei muito da parte dos mirantes. Nunca tinha visto o mar de um ângulo tão alto e foi uma experiência que nunca vou esquecer."

A trilha foi utilizada como um recurso pedagógico para explorar aspectos físicos, ambientais e sociais dessa prática corporal de aventura. Durante a caminhada, os alunos desenvolveram valências físicas, como resistência, equilíbrio e coordenação motora, e foram incentivados a refletir sobre o impacto humano nos ecossistemas naturais.

Essa atividade está alinhada à perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, pois permitiu que os alunos construíssem conhecimento a partir da vivência prática, articulando teoria e prática. Além disso, a aula reforçou o conceito de práticas corporais de aventura como uma ferramenta para a educação ambiental, promovendo uma aprendizagem significativa e crítica.

#### **4.7. Sétima semana**

Nessa aula realizamos a aplicação do questionário final. A aplicação do questionário final marcou o encerramento do processo de intervenção pedagógica, permitindo avaliar o conhecimento construído pelos alunos ao longo das 6 semanas de aulas sobre as práticas corporais de aventura.

A análise dos dados obtidos foi conduzida com base na pesquisa descritiva, a qual possibilitou a organização e interpretação das informações a partir da observação sistemática das respostas abertas dos formulários. Foram avaliadas as respostas de 10 adolescentes, cujos relatos foram agrupados de forma a identificar padrões de percepção e compreensão relacionados às práticas corporais de aventura. A categorização das respostas foi orientada por critérios temáticos, considerando a repetição de termos, ideias semelhantes e opiniões recorrentes entre os participantes. Assim, foram organizadas categorias descritivas que representam de maneira clara e objetiva as características comuns e singulares das experiências relatadas pelos alunos. Para auxiliar no processo, foi elaborada duas tabelas que sistematizam os

dados com base na ocorrência e frequência de determinadas expressões e conceitos, permitindo uma análise detalhada e fiel à realidade dos sujeitos pesquisados, conforme propõe Gerhardt e Silveira (2009) ao destacarem que a pesquisa descritiva visa "o levantamento das características de determinado fenômeno ou a relação entre variáveis" (p. 37)

A Ta elementos sincréticos, trata-se dos dados obtidos por meio da análise descritiva das respostas dos alunos aos questionários abertos, organizando as informações em categorias e subcategorias que refletem diferentes dimensões do conhecimento sobre as práticas corporais de aventura. A tabela apresenta, por exemplo, categorias relacionadas à História e Contextualização, onde os alunos manifestam seu entendimento sobre as origens e a evolução das práticas, categorias Conceito que evidencia como eles definem as atividades como slackline, surf, balance board e trilha. Outras categorias, como Classificação e Estrutura, mostram as percepções dos alunos sobre a organização e a tipologia das práticas, enquanto as categorias sentido e significado revelam a compreensão dos estudantes acerca da importância da preservação ambiental e da responsabilidade social associadas a essas atividades.

A partir da perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, conforme defendida por Saviani (2008), o processo de formação do conhecimento dos alunos deve transitar do estágio sincrético, caracterizado por uma compreensão inicial, fragmentada e desorganizada, para o estágio sintético, em que o conhecimento é sistematizado de forma crítica e contextualizada. Essa transição é essencial para que os alunos possam não apenas absorver informações, mas também refletir criticamente sobre as práticas corporais de aventura e suas implicações sociais e culturais.



**Quadro 01: Elementos sincréticos**

<b>Características das categorias</b>	<b>Unidade de contexto</b>	<b>Unidade de registro</b>
História e Contextualização	Entendimento acerca das Práticas Corporais de Aventura	Aventura
		Nada
Conceito	Conhecimento sobre o Slackline, surf (balance board) e trilha	A trilha é um tipo de pequena viagem perto das montanhas.
		Uma caminhada
Conceito	Nome de Prática Corporal de Aventura conhecida pelo aluno	Surf
Classificação e Estrutura	Categorias das Práticas Corporais de Aventura	Não sei
Sentido e significados	Compreensão sobre a preservação do Meio ambiente	Preservar o meio ambiente é muito importante para a saúde de nós humanos, ter um ambiente sem poluição.
Sentido e significado	Relação da temática práticas Corporais de Aventura com a preservação do Meio Ambiente	Cuidar do meio ambiente

No que diz respeito às classificações dentro do primeiro quadro, podemos perceber a partir das unidades de contexto que o conhecimento dos alunos acerca das Práticas Corporais de Aventura, ainda é um conhecimento inicial, fragmentado e desorganizado;

Na primeira categoria História e Contextualização, os alunos registram suas primeiras percepções sobre o surgimento e a evolução das práticas corporais de aventura. Segundo Saviani (2008), essa etapa inicial corresponde à fase sincrética, em que o conhecimento é difuso. Essa fase serve como base para que, posteriormente, os alunos possam aprofundar e sistematizar seu entendimento acerca das Práticas Corporais de Aventura.

Ao serem questionados sobre o conceito das Práticas Corporais de Aventura, os alunos demonstraram dificuldades em definir as práticas que seriam abordadas ao longo da unidade didática. Eles não conseguiram conceituar corretamente atividades como o slackline, o surf, o balance board e a trilha. As respostas evidenciaram que eles não possuíam um conhecimento prévio estruturado sobre essas práticas, esse resultado sugere que as práticas corporais de aventura ainda são pouco exploradas no contexto escolar, o que pode ser reflexo da ausência desse conteúdo nos currículos tradicionais de Educação Física. Segundo Marinho (2006), as práticas corporais de aventura se diferenciam dos esportes tradicionais por suas características inovadoras, a relação direta com o meio ambiente e a necessidade de habilidades motoras específicas. No entanto, quando esse conhecimento não é sistematizado no ambiente escolar, os estudantes podem ter dificuldades em compreender seus fundamentos.

A compreensão da categorização das práticas corporais de aventura em modalidades (terrestres, aquáticas e aéreas) é fundamental para que os alunos compreendam as relações culturais, sociais e ambientais que moldam essas atividades. No entanto, as respostas dos estudantes indicaram uma dificuldade em classificar corretamente essas modalidades, demonstrando um conhecimento inicial fragmentado sobre a temática.

Na categoria Sentidos e significados, as respostas dos alunos evidenciaram que a dimensão do significado das práticas corporais de aventura

foi associada principalmente à preservação ambiental e ao cuidado com o meio ambiente. A Pedagogia Histórico-Crítica enfatiza que a educação deve promover não só o desenvolvimento cognitivo, mas também a formação ética e cidadã, preparando os alunos para atuar de forma crítica e transformadora na sociedade (Freire, 1996; Saviani, 2008).

## **Quadro 02 – Elementos sintéticos**

O quadro apresenta o percurso de construção do conhecimento dos alunos a partir de suas respostas, oferecendo uma visão das dimensões histórica, conceitual, classificatória e dos sentidos e significados acerca das práticas corporais de aventura. Essa estrutura permite observar a evolução dos alunos ao longo da unidade de ensino, demonstrando como a vivência e a reflexão contribuem para a ampliação de seus conhecimentos sobre essas atividades.

Categoria “História e contextualização”, nesta, os alunos expressam seu conhecimento sobre a origem e a evolução das práticas corporais de aventura, relacionando-as à interação do ser humano com a natureza. Por exemplo, eles mencionam que essas práticas surgiram a partir da necessidade de se reconectar com ambientes naturais e, historicamente, estão associadas à sobrevivência e à exploração.

Na categoria “Conceito”, os alunos descrevem as modalidades (como Slackline, Surf, Balance Board e Trilha). As respostas apontam para uma compreensão das características dessas atividades, evidenciando como cada modalidade é percebida em termos de movimento, equilíbrio e desafio.

A categoria “Classificação e estrutura” das Práticas Corporais de Aventura, de acordo com o ambiente (terrestre, aquático e aéreo), são fundamentais para que os estudantes passem de uma visão fragmentada para uma compreensão integrada e contextualizada, permitindo-lhes perceber as relações sociais e culturais relacionadas às Práticas Corporais de Aventura. Bracht (1999) enfatiza que uma educação física crítico-superadora deve problematizar não apenas a execução técnica dos movimentos, mas também a sua inserção social e histórica, possibilitando uma leitura mais profunda das práticas corporais.

Na categoria "Sentido e Significados", os alunos refletem sobre a importância da preservação do meio ambiente e reconhecem que as práticas de aventura podem contribuir para uma relação mais ética e responsável com a natureza. Essa percepção evidencia dois aspectos fundamentais: de um lado, o sentido histórico e socialmente construído dessas atividades, que são influenciadas por valores culturais e práticas coletivas ao longo do tempo; de outro, o significado individual atribuído pelo praticante, que se relaciona com suas experiências pessoais e emoções vivenciadas durante a prática.

Dessa forma, a evolução dos alunos ao longo da unidade de ensino evidencia a importância desse processo de ensino e aprendizagem, permitindo que eles avancem de uma visão inicial fragmentada para uma compreensão mais profunda e crítica das práticas corporais de aventura. Ainda há pontos que podem ser aprimorados, como o aprofundamento nas discussões sobre as relações dessas práticas na sociedade, a ampliação do repertório de atividades exploradas e a consolidação do conhecimento adquirido por meio de reflexões mais elaboradas e fundamentadas teoricamente.

#### Quadro 02 – Elementos sintéticos

Características das categorias	Unidade de contexto	Unidade de registro
História e Contextualização	Surgimento das práticas corporais de Aventura	Surgiu a partir de uma relação do ser humana com a natureza
		Surgiram com a sobrevivência e exploração
História e Contextualização	Entendimento acerca das Práticas Corporais de Aventura	É uma aula fora da escola onde você faz aventuras como a trilha.

		São atividades físicas que se praticam em espaços como a natureza.
Conceito	Conhecimento sobre o Slackline, surf, balance board e trilha	É uma aventura onde tem uma corda esticada e a pessoa tem que passar equilibrando.
		É uma prancha que precisa de força, equilíbrio e concentração.
		É uma prática corporal de aventura que consiste em caminhar em trilhas naturais.
Conceito	Nome de Prática Corporal de Aventura conhecida	Escalada e surf
		Trekking e mountain bike
Classificação e Estrutura	Categorias das Práticas Corporais de Aventura	Não sei
Sentido e significados	Compreensão sobre a preservação do Meio ambiente	É fundamental para a sobrevivência de todas as formas de vida.

		A Importância é para a saúde dos animais, plantas e melhorar o nosso bem estar.
Sentido e significado	Relação da temática práticas Corporais de Aventura com a preservação do Meio Ambiente	Os praticantes de aventura preservam o meio ambiente.
		As pessoas que praticam as atividades de aventura podem ter uma relação mais estreita e responsável com o meio ambiente.

Por sua vez, o Quadro 02 trata-se do percurso de construção do conhecimento dos alunos, a partir de suas respostas, oferecendo uma visão integrada das dimensões histórica, conceitual, classificatória e dos sentidos e significados acerca das práticas corporais de aventura. De acordo com a Pedagogia Histórico-Crítica, o processo de aprendizagem se desenvolve de forma dialética, passando do conhecimento sincrético (inicial, fragmentado e global) para o conhecimento sintético (mais estruturado, crítico e contextualizado) (Saviani, 2008). Nesse sentido, o quadro 02 pode ser interpretado como um registro do estágio em que os alunos começam a articular e sistematizar suas primeiras impressões e experiências sobre as práticas corporais de aventura já que anteriormente os alunos desconheciam essas práticas. A seguir vamos discutir melhor a categorização das categorias.

#### História e Contextualização

Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, a apropriação do conhecimento ocorre em um movimento dialético, partindo de uma compreensão inicial fragmentada (sincrética) para uma compreensão mais

articulada e crítica (sintética) (Saviani, 2008). No entanto, ao analisar as respostas dos alunos sobre o surgimento das Práticas Corporais de Aventura, percebe-se que nem todos conseguiram avançar significativamente nesse processo.

As respostas revelam uma percepção ainda difusa e não sistematizada da origem das Práticas Corporais de aventura. Alguns alunos indicaram relações superficiais com a sobrevivência e a exploração do meio ambiente, enquanto outros mencionaram a interação do ser humano com a natureza, mas sem uma análise crítica ou histórica mais aprofundada:

Aluno 1: "Surgiram com a sobrevivência e exploração."

Aluno 2: "Surgiu a partir de uma relação do ser humano com a natureza."

Essas respostas sugerem que o conhecimento histórico sobre essas práticas ainda se encontra em um nível sincrético, ou seja, baseado em impressões globais e desarticuladas (Saviani, 2008). Para que os alunos possam evoluir para uma compreensão sintética e crítica, é essencial que o ensino problematize e contextualize historicamente o conteúdo, relacionando-o com as condições sociais que possibilitaram o surgimento dessas práticas.

Freire (1996) destaca que a problematização é um eixo central para a transformação do conhecimento, permitindo que os alunos avancem de uma assimilação passiva para uma apropriação ativa e reflexiva. Isso implica que o professor deve atuar como mediador do conhecimento, conduzindo os estudantes a analisarem criticamente os fatores históricos, sociais e culturais que influenciaram a constituição das Práticas Corporais de Aventura.

Quando questionados sobre o que eles entendem por Práticas Corporais de Aventura, tivemos as seguintes respostas:

Aluno 3: "É uma aula fora da escola onde você faz aventuras como a trilha".

Aluno 4: "É uma aula que sai para fora da escola para se praticar com o corpo e fazer várias aventuras".

Aluno 5: “Práticas corporais de aventura entendi que você têm que preservar a natureza”.

Dentre as respostas dos alunos a que mais se destacou foi a que as Práticas Corporais de aventura acontecem fora da escolas e o autor Marinho (2006), destaca que as práticas corporais de aventura são experiências que ocorrem fora do ambiente escolar tradicional, permitindo vivências corporais diferenciadas e o contato com a natureza. "As atividades de aventura são caracterizadas pela interação com o ambiente natural e pela busca de desafios e superação de limites." (Marinho, 2006, p. 7)

Outra resposta em destaque é a associação dessas praticam com a preservação da natureza para Bruhns (2003) as Práticas Corporais de aventura relacionam-se com a sensibilização ambiental e a necessidade de preservar a natureza. "O contato direto com a natureza por meio das práticas corporais de aventura possibilita a ressignificação das relações entre o ser humano e o meio ambiente, incentivando *valores de preservação e sustentabilidade*." (Bruhns, 2003, p. 42). Nessa categoria percebemos um avanço significativo no conhecimento dos alunos, no início da unidade didáticas eles se que conheciam as Práticas Corporais de Aventura e ao final conseguiram conceituar e fazer associações com essas práticas.

### Conceito

Na categoria Conceito os estudantes começam a definir de forma mais clara as atividades, identificando, por exemplo, o que é o slackline, o surf, o balance board e a trilha. Esse processo de apropriação dos conceitos reflete um conhecimento mais estruturado.

Quando questionados sobre a Práticas Corporais realizadas no decorrer da Unidade didática, os alunos conseguiram defini-las:

Aluno 6: “É uma aventura onde tem uma corda esticada e a pessoa tem que passar equilibrando”.

Aluno 7: “É uma prática que envolve se equilibrar em uma fita”.



Aluno 8: “Onde você coloca uma prancha em cima de um tubo pra se equilibrar.”

Aluno 9: “O balance board tem que equilibrar para não cair.”

Aluno 10: “É uma caminhada demarcada e mantida em ambientes naturais.”

Aluno 11: “É uma prática corporal de aventura que consiste em caminhar”.

Diante das respostas apresentadas, podemos perceber que os alunos conseguiram captar elementos básicos das práticas corporais de aventura, especialmente no que se refere à necessidade de equilíbrio e ao ambiente onde são realizadas. No entanto, as definições ainda precisam ser ampliadas para abarcar aspectos como os desafios enfrentados, os benefícios físicos e emocionais e a importância dessas práticas para a cultura corporal de movimento.

Vygotsky (2007) destaca que o desenvolvimento psíquico é mediado socialmente e, portanto, a interação com práticas culturais é essencial para a internalização de conceitos. Nesse contexto, a compreensão do que cada modalidade representa torna-se um caminho para a crítica e a reconstrução do saber.

#### Classificação e Estrutura

A categoria “Classificação e estrutura” tinha como objetivo verificar se os alunos conseguiam categorizar as práticas corporais de aventura de acordo com seus ambientes (terrestre, aquático ou aéreo) e sua organização estrutural. No entanto, ao analisar as respostas, observou-se que os alunos demonstraram dificuldades em estabelecer essa categorização, indicando que o conhecimento sobre a estrutura das práticas ainda se encontrava em um nível sincrético. A ausência de respostas coerentes ou mesmo a falta de qualquer categorização evidencia a necessidade de um aprofundamento teórico maior e de estratégias pedagógicas que auxiliem os estudantes a compreenderem a sistematização dessas práticas dentro da Cultura Corporal.

#### Sentidos e significados

Um aspecto central da Pedagogia Histórico-Crítica é a formação de sujeitos críticos e conscientes das relações de poder e das dinâmicas sociais. As respostas que evidenciam a importância da preservação ambiental e a valorização dos aspectos sociais das práticas de aventura indicam que os alunos estão iniciando um processo de internalização de valores. Esse movimento dialético, que vai do conhecimento sincrético ao sintético, é essencial para que o aluno não apenas compreenda os conteúdos, mas também se torne capazes de criticar e transformar a realidade em que está inserido (Freire, 1996; Saviani, 2008). Bungenstab et al. (2017) acrescentam que as práticas corporais de aventura, ao serem vivenciadas, podem estimular a reflexão ética e o desenvolvimento de valores, promovendo uma relação de respeito e responsabilidade com o meio ambiente.

Além disso, a abordagem crítico-superadora propõe que a educação não se limite à transmissão de conteúdos mecânicos, mas que se transforme em um espaço de emancipação, onde os alunos aprendam a identificar e questionar as imposições sociais, contribuindo para a construção de uma consciência crítica (Freire, 1996; Saviani, 2008). Assim, o desenvolvimento de valores torna-se intrínseco à prática pedagógica, ampliando a dimensão social e cultural do conhecimento.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as práticas corporais de aventura no ensino da Educação Física escolar, buscando compreender sua relevância pedagógica e seu impacto na formação dos alunos. A partir da intervenção realizada com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, foi possível constatar que a abordagem das práticas corporais de aventura promoveu uma ampliação significativa do repertório cultural dos estudantes, além de estimular reflexões sobre a relação entre natureza e sociedade.

Os resultados indicam que os alunos evoluíram de uma compreensão inicial fragmentada para um conhecimento mais estruturado e crítico sobre as práticas corporais de aventura. Durante as atividades, puderam experimentar novos desafios, desenvolvendo habilidades motoras como equilíbrio, coordenação, força e controle corporal, ao mesmo tempo em que fortaleceram

valores como cooperação, superação, trabalho em equipe e respeito à natureza. Esses aspectos demonstram que a inserção dessas práticas no currículo escolar amplia as possibilidades de vivência dos alunos, permitindo que eles explorem diferentes formas de movimento e compreendam o significado sociocultural das atividades de aventura.

A aplicação da Pedagogia Histórico-Crítica foi fundamental para que os alunos não apenas vivenciassem as atividades, mas também refletissem sobre sua importância social e cultural. A estruturação das aulas em momentos de problematização, instrumentalização e síntese possibilitou um ensino mais significativo, no qual os estudantes participaram ativamente do processo de construção do conhecimento, relacionando suas experiências com o contexto histórico e social das práticas corporais de aventura. Essa abordagem permitiu que os alunos percebessem que tais práticas não são apenas formas de lazer ou esportes radicais, mas elementos da cultura corporal, com influências históricas e impactos na relação do ser humano com o meio ambiente.

No entanto, alguns desafios foram identificados, como a falta de infraestrutura adequada para a realização de algumas práticas e a interferência de fatores externos no ambiente de ensino, especialmente nas atividades realizadas em espaços públicos. Esses aspectos reforçam a necessidade de políticas educacionais que valorizem e ampliem as condições para o ensino das práticas corporais de aventura na escola, garantindo aos alunos um ambiente seguro e estruturado para essas vivências. Além disso, a escassez de materiais específicos e a predominância de uma cultura escolar ainda centrada nos esportes tradicionais dificultam a inserção dessas práticas no currículo de forma mais sistematizada.

Diante dos achados da pesquisa, conclui-se que a inclusão das práticas corporais de aventura na Educação Física escolar contribui para a formação crítica dos alunos, indo além da dimensão técnica e promovendo um olhar mais crítico e consciente sobre o corpo, o movimento, a natureza e a cultura. Além disso, essa metodologia permite que os estudantes compreendam os desafios e responsabilidades envolvidos na prática dessas atividades, incluindo aspectos relacionados à segurança, preservação ambiental e acessibilidade.

Por fim, recomenda-se que novas investigações sejam realizadas para aprofundar o tema e expandir as possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura no contexto escolar. Estudos futuros podem explorar estratégias para adaptar essas atividades a diferentes realidades escolares, bem como avaliar o impacto dessas práticas na formação dos alunos em longo prazo. Dessa forma, será possível consolidar o ensino das práticas corporais de aventura como um componente essencial da Educação Física, assegurando que mais alunos tenham acesso a essas experiências enriquecedoras e transformadoras.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **Educação e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2017.
- AMORIM, J.; TOLEDO, M. **Surfe: história, técnica e prática**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. Skate e suas possibilidades educacionais: proposta metodológica. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799-807, jul./set. 2010. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br>. Acesso em: mar. 2024.
- ARMBRUST, R.; SILVA, M. P. A cultura corporal como conteúdo da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 281-294, 2007.
- BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación física y deportes**, Barcelona, n. 41, p. 5-8, 1995.
- BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Proposta pedagógica para as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) na EF do ensino médio. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (org.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri, SP: Manole, 2006. p. 180-210.
- BETTI, M. **Educação Física e cultura: questões de ordem epistemológica**. Campinas: Autores Associados, 1991.
- BOZHOVICH, L. I. **A personalidade e sua formação na idade infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BRACHT, V. A Educação Física escolar como prática pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 21-27, 1999.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BRUHNS, H. T. Educação Física e práticas corporais de aventura: perspectivas para o ensino. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 185–192, 2005.
- BRUHNS, H. T. **Educação Física e natureza: práticas corporais de aventura**. Campinas: Papirus, 2003.
- BRUHNS, H. T. **Lazer e cultura corporal: um estudo sobre as práticas corporais de aventura**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- BRUHNS, H. T. **Lazer e qualidade de vida**. São Paulo: Cortez, 2005.

BUNGENSTAB, D. et al. **Práticas corporais de aventura na escola**. Curitiba: CRV, 2017.

BUNGENSTAB, D. J. et al. Práticas corporais de aventura: possibilidades pedagógicas e culturais. **Motrivivência**, n. 49, p. 118-134, 2017.

BUNGENSTAB, D. J.; BUNGENSTAB, M. C. C.; BUNGENSTAB, L. A. **Slackline: equilíbrio e superação**. São Paulo: Phorte, 2017.

CANTORANI, R.; PILAT, E. J. Práticas corporais de aventura: do mito ao esporte. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n. 31, p. 49-66, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. Recife, 1992.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, C. J. A formação docente na Educação Física escolar: reflexões e perspectivas. In: SILVA, C. J. da; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem crítica**. Porto Alegre: Nova Prova, 2011. p. 107–126.

FRANÇA, D.; DOMINGOS, A. P. **Educação Física escolar: práticas corporais e cultura**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2023.

FRANCO, M.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. Práticas corporais de aventura e suas potencialidades no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 165-174, 2014.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. O brincar e a educação. São Paulo: Moderna, 1996. **Motrivivência**, n. 28, p. 13–21, 2007.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GERHARDT, T E; SILVEIRA, D T (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 29 de mai de 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, F.; DARIDO, S.; OLIVEIRA, C. Trilhas: práticas corporais de aventura e suas possibilidades pedagógicas. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 42, p. 78-89, 2014.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Educação Física: estruturação e organização**. São Paulo: Cortez, 1995.

LE BRETON, D. **Corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LINDOSO, R. C. B. Efeitos da política educacional de Pernambuco no trabalho docente: as contradições advindas de processos de regulação e responsabilização. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29439>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1990.

MARINHO, A. As práticas corporais de aventura e a Educação Física escolar. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 17, n. 2, p. 131-137, 2006.

MARINHO, A. **A prática pedagógica das atividades de aventura na natureza: desafios e perspectivas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

MARINHO, A. Aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, maio/ago. 2008.

MASSETO, S. T.; MORETTI, L. A. R. Aspectos psicossociais das atividades de aventura. In: BERNARDES, L. A. (org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 112.

MELLO, R. A. **A necessidade histórica da Educação Física na escola: os impasses atuais**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MENEZES, C. C. L. C. A organização dos espaços de ensinar e aprender nas instituições de educação infantil. In: TENÓRIO, R. M.; SILVA, R. S. (orgs.). **Capacitação docente e responsabilidade social: aportes pluridisciplinares** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 326. ISBN 978-85-232-0675-8.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1998.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1991. 898 p. ISBN 0-201-50282-8.

PEREIRA, A. **Slackline: equilíbrio e concentração**. São Paulo: Phorte, 2013.

SANTOS, C. et al. Práticas corporais de aventura: meio ambiente e educação crítica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 101–116, 2017.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1983.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvaturas da vara e outros ensaios**. 41. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2020.

SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (org.). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 33–50.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no processo**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2001.

**SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHUMWAY-COOK, A.; WOOLLACOTT, M. H. **Controle motor: teoria e aplicações práticas**. 5. ed. Barueri, SP: Manole, 2017.

SILVA, R.; MOREIRA, J. **Práticas corporais de aventura e lazer: uma abordagem crítica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

SILVA, R. R. **Educação Física Escolar: desafios do método da prática social na realidade de uma escola**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Pernambuco, Recife.

SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física escolar: em busca de uma abordagem crítico-emancipatória. **Movimento**, v. 7, n. 2, p. 55–72, jul./dez. 2001.

SOUZA, V. C.; FREITAS, L. F. Slackline: equilíbrio e concentração na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 38, n. 1, p. 109-118, 2016.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YOUTUBE. Práticas corporais de aventura – História e contexto. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=tTX\\_Q\\_2pF8I](https://www.youtube.com/watch?v=tTX_Q_2pF8I). Acesso em: 6 jun. 2025.



## APÊNDICES

**APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO)**

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

**1 Você mora próximo a escola?**

( ) sim ( ) não

**2 Há quanto tempo mora na região onde se localiza sua escola?**

( ) menos de 1 ano

( ) de 1 a 2 anos

( ) de 3 a 4 anos

( ) de 5 a 6 anos

( ) mais de 6 anos

**3 Há quanto tempo estuda nesta escola?**

( ) de 1 a 2 anos

( ) de 3 a 4 anos

( ) de 5 a 6 anos

( ) mais de 6 anos

**4 Como você vem para escola?**

( ) a pé

( ) de carro

( ) de moto

( ) de bicicleta

( ) de ônibus

( ) transporte escolar

**5 Você toma café da manhã antes de vir para a escola?**

( ) Sim ( ) Não

**6 Você já ouviu falar em Práticas Corporais de Aventura ou Esportes de Aventura?**

( ) Sim ( ) Não

**7 Fale com suas palavras o que você entende por Práticas Corporais de Aventura?**

---

---

---

**9 Você sabe o nome de alguma Prática Corporal de Aventura?**

**( ) Sim. Quais? \_\_\_\_\_**

**( ) Não**

**10 Você sabe como surgiram as Práticas Corporais de Aventura?**

**( ) Sim.**

**( ) Não**

---

---

**11 Você conhece as classificações das Práticas Corporais de Aventura?**

**( ) Sim ( ) Não**

---

---

**12 Na sua cidade são praticados Esportes de Aventura/ Práticas Corporais de Aventura?**

**( ) Sim. Quais ? \_\_\_\_\_**

**( ) Não**

**13 Você conhece o Slackline?**

**( ) Sim ( ) Não**

---

---

**14 Você conhece o Balance Board?**

**( ) Sim ( ) Não**

---

---

**15 Você conhece a Trilha?**

**( ) Sim ( ) Não**

---

---

**16 Qual a importância de preservar o Meio Ambiente?**

---

---

**17 Qual a relação da temática Práticas Corporais de Aventura com a preservação do Meio Ambiente?**

---

---

## APÊNDICE B – TALE (TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO)

### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF

#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

***OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 7 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.***

Convidamos você, após autorização dos seus pais ou responsáveis legais para participar como voluntário(a) da pesquisa: OS ESPORTES DE AVENTURA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Victória Felicia Gualberto de Lima Silva, residente na Rua Abelardo Targino da Fonseca, nº1331, João Pessoa/PB, CEP: 58075-418/Telefone nº- (83) 99846-6913, e-mail: [victoriaafeliciaa@gmail.com](mailto:victoriaafeliciaa@gmail.com) Sob orientação de: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosangela Cely Branco Lindoso, Telefone: (81) 98825- 7602, e-mail: [rosangela.lindoso@ufrpe.br](mailto:rosangela.lindoso@ufrpe.br)

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

#### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

##### **Descrição da pesquisa:**

Nesta pesquisa pretendemos analisar as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física a partir de uma sequência de aulas. Vamos aprender como surgiram os esportes de aventura, como eles se desenvolveram no decorrer da história, abordaremos em nossas aulas de Educação Física os principais conceitos, os fundamentos e como se classificam esses esportes de aventura na sociedade. Nas aulas práticas

teremos slackline, simulador de surf, corrida de orientação e trilha, ao final das aulas faremos uma trilha guiada para o Santuário ecológico de Pipa.

### **Esclarecimento do período de participação do voluntário na pesquisa, início, término e número de visitas para a pesquisa.**

A participação dos voluntários na pesquisa acontecerá na IIIª Unidade do Ano Letivo de 2024.

### **RISCOS diretos para o voluntário**

A pesquisa pode trazer riscos intelectuais como o desconforto ou constrangimento por não saberem sobre determinados assuntos abordados ou não ter interesse em participar da pesquisa. Esse risco pode ser minimizado, dando a liberdade aos participantes de desistirem ou não participarem da pesquisa sem serem prejudicados.

Quanto aos riscos físicos no decorrer da pesquisa podem ocorrer quedas, escoriações e/ou choque corporal com outro colega de sala. Para prevenir os riscos de queda ou choque corporal teremos o cuidado de organizar o espaço onde serão realizadas as aulas de educação física. A escola dispõe de kit de primeiros socorros com todos os materiais necessários, caso ocorra algum desses riscos na aula a professora de educação física está apta a prestar os primeiros socorros. Estaremos a disposição dos alunos para resolver qualquer desconforto ou constrangimento que possam surgir no decorrer da pesquisa, sejam eles dos aspectos físicos, intelectuais ou emocionais.

### **BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários.**

Dentre os benefícios esperados como resultado desta pesquisa estão: contribuir com a melhoria do processo do que ensina e do que aprende (sistematização) do conteúdo esportes de aventura. Os alunos terão como benefícios participarem de uma pesquisa científica e aprimorarem seus conhecimentos dentro da Cultura Corporal, além disso, serão os primeiros a terem acesso aos resultados da pesquisa.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos, filmagens, etc), ficarão armazenados em uma pasta de arquivo do Google Drive, sob a responsabilidade do pesquisador.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa,

conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelo pesquisador (ressarcimento de transporte e alimentação), assim como será oferecida assistência integral, imediata e gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes desta pesquisa.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRPE no endereço: Rua Manoel de Medeiros, S/N Dois Irmãos – CEP: 52171- 900 Telefone: (81) 3320.6638 / e-mail: cep@ufrpe.br (1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE, ao lado da Secretaria Geral dos Conselhos Superiores). Site: [www.cep.ufrpe.br](http://www.cep.ufrpe.br) .

---

Assinatura do pesquisador (a)

**ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **OS ESPORTES DE AVENTURA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data

Assinatura do (da) menor

---

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

<b>Nome:</b>	<b>Nome:</b>
<b>Assinatura:</b>	<b>Assinatura:</b>

## **APÊNDICE C – TALE (TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO) DOS RESPONSÁVEIS LEGAIS**

### **UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

#### **MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)**

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa **OS ESPORTES DE AVENTURA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**.

Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Victória Felícia Gualberto de Lima Silva, residente na Rua Abelardo Targino da Fonseca, nº1331, João Pessoa/PB, CEP: 58075-418/Telefone nº- (83) 99846-6913, e-mail: **victoriaafeliciaa@gmail.com** Sob orientação de: Profª Drª Rosângela Cely Branco Lindoso, Telefone: (81) 98825- 7602, e-mail: **rosangela.lindoso@ufrpe.br**

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

#### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

##### **Descrição da pesquisa:**

Nesta pesquisa, buscaremos Analisar as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física na rede pública estadual do Rio Grande do Norte, como também analisar historicamente como surgem os esportes de aventura, como ele se desenvolveu e como pode ser tratada pedagogicamente no ambiente escolar, identificar o conceito, fundamentos, classificação, sentido e significado dos Esportes de Aventura, analisar o trato pedagógico dos esportes de a aventura, a partir de uma teoria pedagógica, uma teoria psicológica e uma metodologia de ensino, relatar como os documentos que norteiam a EF tratam os esportes corporais de aventura. Para



isso, faremos uso da pesquisa-ação em um processo investigativo que envolverá estudantes da turma do 9º ano, professor/pesquisador e outros sujeitos educacionais da Escola Estadual Dr. Meiroz Grillo, a pesquisa tem como problema: Como tratar os esportes de aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física escolar. Utilizaremos como instrumento de coleta de dados um questionário com 10 questões abertas, os resultados serão obtidos a partir da análise de dados de Bardin.

### **Esclarecimento do período de participação do voluntário na pesquisa, início, término e número de visitas para a pesquisa.**

A participação dos voluntários na pesquisa acontecerá na IIIª Unidade do Ano Letivo de 2024.

### **RISCOS diretos para o voluntário**

A pesquisa pode trazer riscos intelectuais como o desconforto ou constrangimento por não saberem sobre determinados assuntos abordados ou não ter interesse em participar da pesquisa. Esse risco pode ser minimizado, dando a liberdade aos participantes de desistirem ou não participarem da pesquisa sem serem prejudicados.

Quanto aos riscos físicos no decorrer da pesquisa podem ocorrer quedas, escoriações e/ou choque corporal com outro colega de sala. Para prevenir os riscos de queda ou choque corporal teremos o cuidado de organizar o espaço onde serão realizadas as aulas de educação física. A escola dispõe de kit de primeiros socorros com todos os materiais necessários, caso ocorra algum desses riscos na aula a professora de educação física está apta a prestar os primeiros socorros. Estaremos a disposição dos alunos para resolver qualquer desconforto ou constrangimento que possam surgir no decorrer da pesquisa, sejam eles dos aspectos físicos, intelectuais ou emocionais.

### **BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários.**

Dentre os benefícios esperados como resultado desta pesquisa estão: contribuir com a melhoria do processo do que ensina e do que aprende (sistematização) do conteúdo esportes de aventura. Os alunos terão como benefícios participarem de uma pesquisa científica e aprimorarem seus conhecimentos dentro da Cultura Corporal, além disso, serão os primeiros a terem acesso aos resultados da pesquisa.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos, filmagens, etc.), ficarão armazenados

em uma pasta de arquivo do Google Drive, sob a responsabilidade do pesquisador.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelo pesquisador (ressarcimento com transporte e alimentação), assim como será oferecida assistência integral, imediata e gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes desta pesquisa.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFRPE no endereço: Rua Manoel de Medeiros, S/N Dois Irmãos – CEP: 52171-900 Telefone: (81) 3320.6638 / e-mail: cep@ufrpe.br (1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE, (ao lado da Secretaria Geral dos Conselhos Superiores). Site: [www.cep.ufrpe.br](http://www.cep.ufrpe.br) .

---

**Assinatura do pesquisador (a)**

**CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável por \_\_\_\_\_, autorizo a sua participação no estudo **OS ESPORTES DE AVENTURA NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data

**Assinatura do (da) responsável:**

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

<b>Nome:</b>	<b>Nome:</b>
<b>Assinatura:</b>	<b>Assinatura:</b>

**APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS****UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO****MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE  
NACIONAL- PROEF****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)**

Eu, \_\_\_\_\_,  
AUTORIZO a professora VICTÓRIA FELICIA GUALBERTO DE LIMA SILVA, coordenadora da pesquisa intitulada Os esportes de aventura no Componente Curricular Educação Física: uma proposta de sequência didática, a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de foto ou vídeo com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

A pesquisadora responsável VICTÓRIA FELICIA GUALBERTO DE LIMA SILVA, assegurou-me que os dados serão armazenados no drive pessoal do pesquisador, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídos. Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

TIBAU DO SUL, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS: UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM A PESQUISADORA RESPONSÁVEL.

**APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ****UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO MESTRADO  
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL- PROEF****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ**

Eu, \_\_\_\_\_, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada Os esportes de aventura no Componente Curricular Educação Física: uma proposta de sequência didática poderá trazer e entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação da minha voz, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora VICTÓRIA FELICIA GUALBERTO DE LIMA SILVA a realizar a gravação da minha voz sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acimacitados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui
3. relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
4. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações
5. geradas;
6. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;

Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa VICTÓRIA FELICIA GUALBERTO DE LIMA SILVA, e após esse período, serão destruídos e, serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Tibau do Sul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.



# O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA



9º  
A  
N  
O

Unidade didática



VICTÓRIA FELICIA GUALBERTO DE LIMA SILVA  
ROSÂNGELA BRANCO LINDOSO



## APRESENTAÇÃO

As Práticas Corporais de aventura têm se consolidado como um conteúdo relevante no componente curricular de Educação Física, proporcionando experiências corporais diversificadas e desafiadoras. Essas atividades envolvem situações de risco controlado, explorando ambientes naturais e artificiais, além de promoverem o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais.

Este produto educacional é resultado da pesquisa de mestrado profissional (PROEF/UNESP/UFRPE), da professora Victória Felicia Gualbeto de Lima Silva, tem como objetivo fornecer uma proposta estruturada de ensino das práticas corporais de aventura, abordando conteúdos relacionados ao Slackline, Surf (por meio do Balance Board) e Trilha.





## REFERENCIAL TEÓRICO

Este produto educacional é fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani (2007) que defendem a importância de uma educação que vá além da dimensão técnica, promovendo a reflexão crítica e a emancipação dos estudante e na abordagem Crítico-Superadora proposta pelo Coletivo de Autores (1992) que orienta a prática pedagógica para que os conteúdos de Educação Física sejam trabalhados de maneira crítica e contextualizada.





## HISTÓRIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

É difícil determinar uma cronologia precisa de eventos e fatos que marquem a origem das práticas de aventura, uma vez que essas atividades têm acompanhado o próprio desenvolvimento da humanidade. Sabe-se que, desde tempos remotos, os seres humanos já estavam presentes em cavernas, faziam travessias de montanhas, realizavam explorações e outras conquistas (Franco, Cavasini e Darido, 2014).

Segundo Betti (1991), as Práticas Corporais de Aventura surgiram como formas de sobrevivência e desafios em ambientes naturais. Com o passar dos anos, essas práticas foram sendo sistematizadas e ganharam status de esporte e lazer.

As Práticas Corporais de Aventura na escola são uma forma de valorização de uma temática em ascensão social, pois nos dias atuais essas atividades são praticadas por crianças, jovens e adultos em diversos espaços. (França e Domingos, 2023, p. 81).





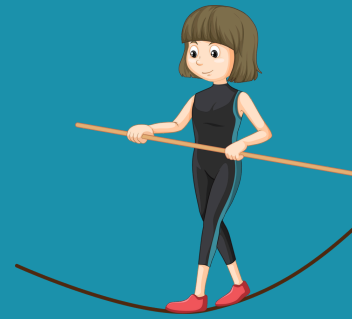


## CLASSIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

As práticas corporais de aventura podem ser classificadas em três grandes grupos (Betrán, 2003):

- Terrestres: Skate, slackline, mountain bike, escalada, trilha.
- Aquáticas: Surf, rafting, canoagem.
- Aéreas: Paraquedismo, parapente, asa delta.





## PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: SLACKLINE, TRILHA E SURF



Segundo Betti (1991), "as Práticas Corporais de Aventura são um meio para a vivência de experiências intensas e desafiadoras, fundamentais para o desenvolvimento integral do aluno" (p. 79). Dentre as diversas práticas corporais de aventura existentes, selecionamos três para aprofundar em nossa unidade didática, sendo elas o slackline, o surf e a trilha.





## SLACKLINE

O slackline é uma prática corporal de aventura que surgiu nos anos 1980, nos Estados Unidos, como uma atividade complementar para escaladores, em seus momentos de descanso ou quando o tempo estava inapropriado para a prática da escalada, esses esportistas utilizavam fitas de náilon para treinar equilíbrio e estabilidade, criando o que mais tarde se tornaria uma modalidade esportiva própria.

Segundo Masseto e Moretti (2013, p. 112), "o slackline representa o encontro entre criatividade, técnica e o desafio de superar limites físicos e mentais." Ao longo dos anos, o slackline passou a ser utilizado em ambientes educacionais e de lazer. Segundo Pereira (2013), "a prática passou a se expandir para além dos círculos de escaladores, sendo introduzida em espaços urbanos e academias, e ganhando adeptos em diversos países" (p. 58). Os autores Souza e Freitas (2016), "o slackline é uma prática corporal de aventura que possibilita o desenvolvimento de habilidades físicas e emocionais, sendo uma ferramenta pedagógica inovadora" (p. 112).





## SURF

O surfe é considerado uma das mais antigas práticas corporais de aventura. De acordo com Amorim e Toledo (2001, p. 12), "o surfe consiste em deslizar sobre as ondas utilizando uma prancha, sendo uma prática que une habilidade, equilíbrio e conexão com a natureza".

Sua origem remonta às antigas civilizações havaianas, onde era não apenas uma atividade recreativa, mas também um elemento cultural e espiritual. Segundo Bettrán (1995, p. 6), "o surfe é mais do que uma prática esportiva; é um modo de interação com o ambiente que remonta a rituais ancestrais ligados à relação homem-natureza." Bungenstab et al. (2017) destacam que o surfe, quando incorporado ao contexto escolar, ultrapassa sua dimensão esportiva e se torna um meio para desenvolver valores socioculturais e ambientais. Ao ser trabalhado na escola, o surfe pode promover debates sobre questões como a preservação ambiental, valorizando a conexão entre o esporte e os espaços naturais, ultrapassando a simples execução de movimentos, permitindo que os estudantes reflitam sobre as implicações culturais e ecológicas das práticas corporais de aventura.





## TRILHA

As trilhas fazem parte das Práticas Corporais de Aventura, são atividades que promovem interação com a natureza, vivência de desafios que combinam esforços físicos, mentais, e também as interações com outros indivíduos. Betrán (1995) destaca que as trilhas integram um contexto sociocultural, pois resgatam práticas humanas ancestrais de deslocamento e exploração do território. Essas atividades podem ser vistas como uma volta a suas origens e afastamento das áreas urbanas, criando oportunidades de reconexão com a natureza. A prática de trilhas também se relaciona com a conscientização ambiental, os autores Dumazedier (1973) e Marinho (2008) afirmam que as trilhas podem contribuir para a formação de uma ética ambiental, incentivando a preservação dos ecossistemas visitados. Além disso, favorecem reflexões sobre o impacto humano na natureza, desenvolvendo nos praticantes uma consciência crítica sustentável. As trilhas ajudam a compreender as relações de poder e exploração ambiental, levando os estudantes a refletirem sobre o papel humano na construção e preservação do meio ambiente. "As Práticas Corporais de Aventura, como as trilhas, podem ser abordadas de maneira crítica, possibilitando aos estudantes questionar as relações de exploração da natureza e propor alternativas sustentáveis."(Saviani, 2005, p. 42).





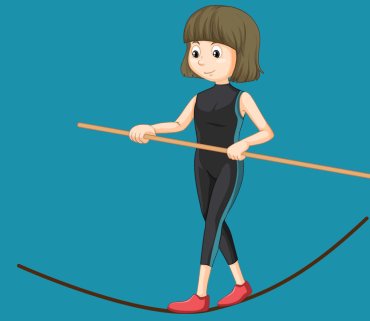
## OBJETIVO GERAL

Promover a compreensão crítica sobre as Práticas Corporais de Aventura, além de estimular a reflexão sobre questões socioculturais e ambientais.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a história e evolução das Práticas Corporais de Aventura.
- Identificar e vivenciar conceitos e técnicas das modalidades Slackline, Surf e Trilha.
- Desenvolver habilidades motoras como equilíbrio, propriocepção e coordenação.
- Refletir criticamente sobre os desafios e benefícios das Práticas Corporais de Aventura.
- Relacionar as práticas com questões de preservação ambiental e consciência social.





# CONTEÚDOS:

HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS  
CORPORAIS DE AVENTURA



SLACKLINE



SURF

TRILHA





## METODOLOGIA

### Problematização

- Levantar questionamentos sobre o tema, relacionando com o contexto dos alunos.
- Incentivar os alunos a compartilharem suas vivências e percepções sobre as práticas corporais de aventura.

### Instrumentalização

- Apresentação teórica (textos, vídeos e discussões em grupo).
- Vivência prática das modalidades (Slackline, Surf/Balance Board e Trilha).

### Catarse

- Roda de conversa sobre os desafios e aprendizados.
- Reflexão crítica sobre os aspectos sociais, culturais e ambientais das práticas.
- Questionários antes e após as atividades para avaliar a evolução dos alunos.







# RECURSOS DIDÁTICOS

Slackline e suporte para montagem

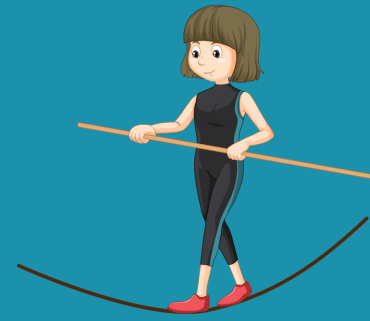
Balance Board

Vídeos e textos sobre as práticas corporais de  
aventura

Data-show, notebook e caixa de som

Cartolinas, folhas de ofício e canetas





## HABILIDADES DA BNCC

- EF09EF12 – Vivenciar e fruir as práticas corporais de aventura, identificando suas principais características e analisando os benefícios, desafios, riscos e cuidados necessários, promovendo a consciência de segurança pessoal e coletiva.
- EF09EF13 – Relacionar as práticas corporais de aventura às questões socioculturais e ambientais, reconhecendo sua relevância para a preservação do meio ambiente e a valorização da diversidade cultural.
- EF09EF14 – Planejar e participar de experiências corporais de aventura, considerando as especificidades dos espaços naturais e urbanos, respeitando normas de segurança e aspectos éticos.



# Plano de aula

Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 1

**TEMÁTICA: AVALIAÇÃO DIAGNÓTICA SOBRE O CONHECIMENTO DOS ALUNOS A CERCA DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA**

**Materiais necessários:**

Cópias do questionário diagnóstico

**Objetivos de aprendizagem:** Identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre as Práticas Corporais de Aventura, explorando suas percepções e experiências anteriores.

**Procedimentos metodológicos**

**Momento 1:**

Apresentação do tema: Práticas Corporais de Aventura.

Diagnose- Explicação dos objetivos do instrumento

**Momento 2: Questionário Diagnóstico:**

Aplicação de um questionário para identificar o conhecimento prévio e experiências dos alunos com as Práticas de Aventura.

**Momento 3: Discussão em Grupo:**

Formação de grupos para discutir respostas do questionário.

Compartilhamento de experiências e expectativas do conteúdo Práticas Corporais de Aventura

**Momento final:**

Fechar a aula trazendo os pontos mais importantes citados pelos alunos.

**Avaliação:**

Respostas do questionário diagnóstico;

Participação nas discussões.

# Plano de aula

Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 2

TEMÁTICA: HISTÓRIA E CLASSIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

**Materiais necessários:**  
Material de pesquisa (livros, internet);  
Cartolinas e canetas;  
Datashow;  
Notebook;  
Som.

**Objetivos de aprendizagem:** Conhecer a história e evolução das Práticas Corporais de Aventura;  
Aprender sobre a classificação das Práticas Corporais de Aventura;

**Procedimentos metodológicos:** Fase 1 Problematização: Roda de diálogo sobre as Práticas Corporais de Aventura com alguns questionamentos. Como as Práticas Corporais de Aventura começaram? Quais as principais Práticas Corporais de Aventura? Como se classificam as Práticas Corporais de Aventura? O que sentimos ao realizar as Práticas Corporais de Aventura?

Fase 2 Instrumentalização:

História das Práticas Corporais de Aventura:

Exposição de vídeo com a história das Práticas Corporais de Aventura, LINK: [https://www.youtube.com/watch?v=tTX\\_Q\\_2pF8I](https://www.youtube.com/watch?v=tTX_Q_2pF8I)

Após assistirem o documentário os alunos farão uma síntese do que entenderam sobre a história das Práticas Corporais de Aventura.

**Classificação das Práticas Corporais de Aventura, modalidade praticadas na terra, água e ar.**

Os alunos receberam imagens com as diversas modalidades de aventura, tentaram nomeá-las de acordo com os seus conhecimentos, em seguida colaram elas no quadro de acordo com a sua classificação (terra, água e ar). Em seguida o professor com a turma farão as correções necessárias.

Após a correção com o professor, os alunos serão divididos em três grupos (ar, água e terra), onde cada grupo montará um painel com as respectivas modalidades referentes ao seu grupo.

**Avaliação:**

Síntese (individual) sobre as Práticas Corporais de Aventura;

Cartaz com a classificação das Práticas Corporais de Aventura.



# Plano de aula



Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 3

TEMÁTICA: HISTÓRIA E TÉCNICAS DO SLACKLINE

Materiais necessários:  
Equipamento de slackline;  
Datashow;  
Notebook.

Objetivos de aprendizagem: Compreender os conceitos e técnicas básicas do slackline e desenvolver habilidades de equilíbrio e concentração, relacionando essas habilidades com a importância da superação de desafios e o trabalho em equipe, promovendo uma reflexão crítica sobre os limites e possibilidades dessa prática corporal de aventura no contexto escolar.

Procedimentos metodológicos: No primeiro momento será feito um resgate da aula anterior.

Em seguida será feita a fase 1 Problematização: Problematização sobre o Slackline, com as seguintes perguntas: O que é o slackline? Como surgiu? Como praticamos os slackline? O que precisamos ter para andar no slackline? Qual a importância do equilíbrio e da concentração?

Após a problematização será feita a Fase 2 Instrumentalização:

Será exposto um slide com a história e os benefícios do Slackline;

Durante a apresentação teórica os alunos deverão anotar os principais pontos vistos na aula;

Em seguida os alunos serão levados para o espaço externo onde será apresentado a fita do slackline. Para familiarizar-se com a fita, será proposto que um aluno por vez, passe por cima da fita, por baixo, sente na fita, salte de um lado para o outro.

Após a familiarização os alunos tentaram caminhar sobre a fita com o auxílio do professor; Finalizaremos a aula com uma roda de conversa falando sobre o que eles acharam e sentiram ao participarem da aula. Repetimos as problemáticas realizadas no início da aula.

Avaliação:

Diálogo sobre a aprendizagem da aula a partir de roda de conversa;

Entregar anotações que fizeram com os principais pontos da apresentação do professor.

# Plano de aula

Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 4

TEMÁTICA: TÉCNICAS BÁSICAS DO SLACKLINE, EQUILÍBRIO E CONCENTRAÇÃO

Materiais necessários:

Equipamento de slackline;  
Questionário.

Objetivos de aprendizagem: Aprofundar as técnicas de equilíbrio e concentração no slackline por meio de atividades que envolvam criação e reprodução de movimentos, estimulando o desenvolvimento motor e a reflexão crítica sobre a prática. Incentivar o trabalho em equipe e a superação de desafios, promovendo a autonomia e a cooperação.

Procedimentos metodológicos: no primeiro momento será feito um resgate da aula anterior.

Em seguida será feita a fase 1 Problematização: Problematização sobre o Slackline, com as seguintes perguntas: O que é o slackline? Como surgiu? Como praticamos os slackline? O que precisamos ter para andar no slackline? Qual a importância do equilíbrio e da concentração?

Após a problematização será feita a Fase 2 Instrumentalização:

Nesta aula o slackline será montado com os alunos observando, no primeiro momento os alunos farão uma fila e passaram por cima do slackline, depois cada aluno um por vez criará um jeito de passar por cima do slackline e os demais alunos reproduziram o movimento, em seguida cada aluno criará o pose de equilíbrio em cima da fita e os demais alunos deverão reproduzir o movimento. Após essas atividades os alunos atravessaram a fita com o apoio do professor e outro colega, depois atravessaram sobre a fita com apoio de uma apenas uma pessoa e por fim tentaram atravessar sozinhos.

Avaliação:

Questionário: O que é o Slackline? Como surgiu o Slackline? No slackline pode ser feito os exercício estático e o dinâmico, defina-os: O que precisa para praticar o slackline? O que precisa para praticar o slackline?

# Plano de aula

Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 5

TEMÁTICA: SURF E BALANCE BOARD

Materiais necessários:

Texto impresso

Equipamento de balance board

Compreender o conceito e a história do Surf como prática corporal de aventura, relacionando o equilíbrio, propriocepção e coordenação, com os desafios culturais e sociais dessa modalidade, por meio da simulação no Balance Board para promover uma reflexão crítica sobre o esporte e suas possibilidades de acesso.

Procedimentos metodológicos: iniciaremos a aula retomando os principais pontos da aula anterior;

Fase 1 Problematização: introduziremos o tema com uma discussão orientada por questões norteadoras: O que é o Surf? Como surgiu essa prática? O Surf é acessível a todos? Quais habilidades físicas ele desenvolve?

Após a problematização será feita a Fase 2 Instrumentalização: leitura compartilhada de um texto sobre a história do surf. Em seguida cada aluno deve fazer uma síntese da sua compreensão sobre o texto e compartilhar com a turma um trecho do texto que mais chamou sua atenção.

Será apresentado para os alunos o balance board, dialogando sobre o princípio do equilíbrio desenvolvido pelo equipamento, que é um princípio essencial no surf. Todos os alunos vivenciaram o equipamento com o auxílio do professor e dos colegas.

Após a prática será feita roda de conversa, retomando as problematizações iniciais e incentivando os alunos a compartilharem suas experiências e sensações.

Avaliação:

Entrega da síntese do texto sobre o surf

Relato sobre a vivência na aula.



# Plano de aula

Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 5

TEMÁTICA: SURF E BALANCE BOARD

Materiais necessários:

Texto impresso

Equipamento de balance board

Compreender o conceito e a história do Surf como prática corporal de aventura, relacionando o equilíbrio, propriocepção e coordenação, com os desafios culturais e sociais dessa modalidade, por meio da simulação no Balance Board para promover uma reflexão crítica sobre o esporte e suas possibilidades de acesso.

Procedimentos metodológicos: iniciaremos a aula retomando os principais pontos da aula anterior;

Fase 1 Problematização: introduziremos o tema com uma discussão orientada por questões norteadoras: O que é o Surf? Como surgiu essa prática? O Surf é acessível a todos? Quais habilidades físicas ele desenvolve?

Após a problematização será feita a Fase 2 Instrumentalização: leitura compartilhada de um texto sobre a história do surf. Em seguida cada aluno deve fazer uma síntese da sua compreensão sobre o texto e compartilhar com a turma um trecho do texto que mais chamou sua atenção.

Será apresentado para os alunos o balance board, dialogando sobre o princípio do equilíbrio desenvolvido pelo equipamento, que é um princípio essencial no surf. Todos os alunos vivenciaram o equipamento com o auxílio do professor e dos colegas.

Após a prática será feita roda de conversa, retomando as problematizações iniciais e incentivando os alunos a compartilharem suas experiências e sensações.

Avaliação:

Entrega da síntese do texto sobre o surf

Relato sobre a vivência na aula.



# Plano de aula

Série: 9º ano

Disciplina: Educação Física

Data:

Tópico: Práticas Corporais de Aventura

Aula nº 6

TEMÁTICA: TRILHA NO SANTUÁRIO ECOLÓGICO DE PIPA

Materiais necessários:

Equipamento de slackline;

Datashow;

Notebook.

Objetivos de aprendizagem: compreender a trilha como uma prática corporal de aventura, analisando suas características, desafios e impactos ambientais, além de refletir sobre a relação entre o ser humano e a natureza.

Procedimentos metodológicos

Fase 1: Antes da trilha, realizamos um momento de contextualização teórica sobre essa prática corporal de aventura. Os alunos foram provocados com os seguintes questionamentos: O que caracteriza uma trilha como prática corporal de aventura? Quais os desafios envolvidos nessa atividade? Como a trilha pode contribuir para a conscientização ambiental? Quais cuidados devemos ter ao realizar uma trilha em uma reserva ecológica? Após essa discussão, o guia do santuário apresentou informações sobre a criação da reserva, seus objetivos de preservação ambiental e os diferentes percursos que iríamos realizar.

Fase 2: Vivência da Trilha

Percorremos diferentes trilhas do santuário, cada uma com suas particularidades e desafios: Caminho do Jacú (200 m) Caminho dos Piratas (100 m) Vereda da Moça Branca (400 m) Caminho da Jibóia (340 m) Passeio do Peroba (300 m) Escada do Velho Castelo (90 m) – trilha mais desafiadora devido ao terreno íngreme.

Além da caminhada, os alunos puderam observar a fauna e a flora local, registrando no percurso espécies como tartarugas marinhas e golfinhos, além da vegetação nativa da Mata Atlântica.

Avaliação:

Ao final do percurso, fizemos uma roda de conversa, onde os alunos compartilharam suas percepções sobre a trilha

# Links

Vídeo sobre as práticas corporais de aventura:

[https://www.youtube.com/watch?v=tTX\\_Q\\_2pF8I](https://www.youtube.com/watch?v=tTX_Q_2pF8I)

Texto sobre o surf:

<https://www.infoescola.com/esportesradicais/surfe/>



# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jovem mulher equilibrando-se na corda de slackline. Fonte: Design de blueringmedia. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

Figura 2 – Homem escalando uma montanha (estilo cartoon). Fonte: Design de Gobookmart. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

Figura 3 – Homem praticando bungee jump. Fonte: Design de deemakdaksina. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

Figura 4 – Prática de caiaque (remo em corredeiras).

Fonte: Design de Gobookmart. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

Figura 5 – Caminhante com mochila (representação de trilha/hiking).  
Fonte: Design de Gobookmart. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

Figura 6 – Surfista com prancha (personagem surfando). Fonte: Design de DAPA Images. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

Figura 7 – Homem escalando montanha.

Fonte: Design de deemakdaksina. Disponível em: Canva. Acesso em: 5 jun. 2025.

# REFERÊNCIAS

- AMORIM, J.; TOLEDO, R. História e evolução do surfe. São Paulo: Editora Esportiva, 2001.
- BETTI, M. Educação Física e sociedade. Campinas: Papirus, 1991.
- BETRÁN, J. Classificação das práticas corporais de aventura. Madrid: Ediciones Deportivas, 2003.
- BETRÁN, J. O surfe e sua relação com a natureza. Lisboa: Movimento, 1995.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BUNGENSTAB, D. et al. Surfe e educação: Uma abordagem sociocultural. Florianópolis: Edufes, 2017.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FRANÇA, R.; DOMINGOS, L. Educação Física e práticas corporais de aventura: Um olhar crítico. Recife: Edupe, 2023.
- FRANCO, M.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. Educação Física escolar e práticas corporais de aventura. Rio de Janeiro: Sprint, 2014.
- INFOESCOLA. Surfe – História, regras e modalidades. Disponível em: <https://www.infoescola.com/esportesradicais/surfe/>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- MARINHO, J. Trilhas ecológicas e consciência ambiental. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MASSETO, M.; MORETTI, C. Slackline: Equilíbrio e superação. São Paulo: Phorte, 2013.
- PEREIRA, T. A prática do slackline e suas aplicações pedagógicas. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SOUZA, F.; FREITAS, A. Slackline na educação: Desafios e possibilidades. Salvador: Edufba, 2016.
- VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- YOUTUBE. História do Slackline e sua importância. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gA3SZ4k-nGI&t=455s>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- YOUTUBE. Práticas corporais de aventura e sua aplicabilidade na escola. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=tTX\\_Q\\_2pF8I](https://www.youtube.com/watch?v=tTX_Q_2pF8I). Acesso em: 29 mar. 2025.

